

Eco de maio e junho de 2009

Cobertura

PROFECIA

E

ESPERANÇA

AGORA

E

EM TODA PARTE

Assembleia geral de 2009

SUMÁRIO

154 Introdução

Abertura da Assembleia

156 Alocução de abertura da Assembleia geral de 2009
Padre Grégory Gay, Superior

161 A Companhia hoje
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral

Eleições

180 Eleição da Superiora geral
Segunda-feira de Pentecostes, 1º de junho de 2009

- 182 Eleição da Superiora geral: homilia do Padre Grégory Gay
Segunda-feira de Pentecostes, 1º de junho de 2009
- 184 Eleição das Conselheiras gerais e da Assistente geral
Circular de Mère Evelyne Franc, 9 e 11 de junho de 2009
- Em comunhão com a Igreja
- 185 Mensagem do Santo Padre à Mère Evelyne Franc
Cardeal Tarcisio Bertone, Secretario de Estado do Vaticano
- 187 Visita do Cardeal Franc Rodé, cm, prefeito da CIVCSVA
Homilia da Eucaristia do dia 25 de maio de 2009
- 192 Visita de Monsenhor Gabor Pinter, Representante de Monsenhor Baldelli, Núncio
apostólico em França
Homilia da Eucaristia do dia 28 de maio de 2009
- 195 Visita do Cardeal André Vingt Trois, Arcebispo de Paris
Homilia da Eucaristia do dia 9 de junho de 2009

Conferencistas

- 202 Profecia e esperança: Fundamentos bíblicos
Padre Ranieto Cantalamessa, ofmcap

Encerramento da Assembleia

- 222 Conferência de Mère Evelyne Franc
Casa Mãe, 13 de junho de 2009
- 227 Eucaristia de encerramento
Homilia do Padre Grégory Gay, Superior geral, 13 de junho de 2009

As outras conferências serão publicadas no próximo Eco

ASSEMBLEIA GERAL DE 2009

A Assembleia geral de 2009

Introdução

“Profecia e esperança, agora e em toda parte”, este foi o tema da 8ª Assembleia geral que se realizou na Casa Mãe de segunda-feira, 18 de maio ao sábado, 13 de junho de 2009.

No dia 8 de maio de 2009, 184 Irmãs, chegadas do mundo inteiro, (77 Visitadoras, 1 Regional e 92 Irmãs delegadas por suas Províncias, os membros da Cúria e Mère Juana Elizondo), começaram um retiro de 8 dias para prepararem-se para viver esta Assembleia geral sob a direção do Espírito Santo. Animada pelo Padre Javier Alvarez, Diretor geral, o retiro tem por tema: *“Necessário vos é nascer de novo”* (Jo 3, 7). O Padre Javier propõe uma reflexão sobre o nosso nome de Filha da Caridade e a necessidade de reanimar o fervor primeiro de nossa vocação deixando-nos habitar pelo Espírito Santo. Ele recorda a importância de fazer a experiência do Cristo como fizeram os discípulos de Emaús que se transformaram a partir do encontro com o Ressuscitado. Logo os convida a seguir o exemplo do Filho de Deus que se encarna para unir-se aos homens e viver com os pobres uma verdadeira proximidade de coração.

Na segunda-feira, 18 de maio abre-se a Assembleia geral pela Eucaristia presidida pelo Padre Grégory Gay, Superior geral. Os Membros da Assembleia têm a alegria de receber, por meio de uma mensagem do Cardeal Tarcísio Bertone, Secretário de Estado de Vaticano, a bênção apostólica do Papa Bento XVI. Podemos notar que dos 184 membros presentes, 104 Irmãs viviam pela primeira vez uma Assembleia geral. 36 Irmãs tradutoras e intérpretes permitiram a comunicação entre as diferentes línguas.

No dia 19 de maio, Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, evoca os principais acontecimentos que marcaram a vida da Companhia nestes seis últimos anos. Partilha também conosco algumas interpelações a fim de promover a fidelidade ao carisma próprio e a vitalidade apostólica da Companhia.

Depois de um dia de conferências e a apresentação do relatório financeiro da vida da Companhia, as Irmãs são convidadas a aprofundar o Documento de Trabalho elaborado a partir da Síntese das respostas das Assembleias provinciais. A reflexão baseia-se nos 4 principais temas escolhidos como preocupações comuns em todas as Províncias:

- Cultivar a vida de fé: uma vida centrada em Cristo, alimentada pela Palavra de Deus, aberta às inspirações do Espírito.
- Desenvolver o “bem viver juntas” a fim de que seja profecia de amor e caminho de esperança.
- Servir nas “idas e vindas” com criatividade e audácia e manifestar assim, o amor de Deus aos pobres.
- Aprofundar nossa pertença à Companhia e sentirmo-nos responsáveis pela vitalidade do carisma e por seu futuro.

Os membros da Assembleia se encontram em 16 grupos de 7 línguas, em seguida, em sessões de assembleia plenária para partilhar e debater sobre estes 4 temas. Destes encontros e reflexões se desprende uma profunda unidade da Companhia. Neste começo do terceiro Milênio, expressa-se com força o desejo de viver nossa vocação com mais coerência, para ser cada vez mais profecia de amor e caminho de esperança para os pobres. O Documento Final revelará este impulso que devemos colocá-lo em prática nas realidades concretas.

Este Eco da Companhia presta conta da celebração desta Assembleia. As intervenções e os testemunhos que não puderam sair neste número, serão publicados no próximo.

ABERTURA DA ASSEMBLEIA

Alocação de abertura da Assembleia geral de 2009

Padre Grégory Gay, Superior geral
Casa Mãe, 18 de maio de 2009

Minhas Irmãs, não preciso dizer-lhes o quão importante esta Assembleia é, não apenas para a Pequena Companhia, mas para toda a Igreja e, particularmente, para os pobres, que são o objetivo principal de seu serviço na Igreja. Todas as Irmãs aqui presentes se preparam para esta Assembleia durante quase dois anos, individualmente e em comunidade com as Assembleias domésticas e provinciais. Durante as minhas viagens pelo mundo, no tempo das Assembleias domésticas e provinciais e ao ler as muitas cartas que encontrei na minha mesa, constato a amplitude da participação, o entusiasmo e a criatividade que marcaram as Assembleias domésticas bem como as Assembleias provinciais. Então, nós podemos dizer que desde o começo tem sido um verdadeiro processo participativo no qual todas as Irmãs da Companhia foram convidadas a participar de maneira livre e aberta. Avaliando os obstáculos para viver a vocação em profundidade e buscando meios para superar estes obstáculos, a fim de doarem-se inteiramente a Deus no serviço dos pobres.

Uma das coisas que ajudaria muito para um bom desenvolvimento da Assembleia geral seria estar aqui em cada sessão, de maneira atenta, assim poderão entender claramente as questões que estarão sendo discutidas. Um outro aspecto importante, como nós sabemos, é a oração. Precisamos manter continuamente nossos corações abertos à luz do Espírito Santo, e assim deixaremos Deus agir através de nós. Deus agraciou cada uma das Irmãs abundantemente. Há nesta sala uma quantidade incrível de talento e de criatividade. Cada uma tem suas próprias idéias, sua visão própria de como as coisas devem ser e é importante expressar sua visão e suas idéias o mais simples e claro possível, para que as outras possam compreender da melhor maneira. Mas também precisamos escutar as outras com respeito, abertura e com o desejo de aprender. Temos um grupo muito multicultural reunido aqui. Vindas de países, culturas e contextos diferentes. Nenhuma das Irmãs pode ver, por si mesma, todo o contexto. O que pode ser bom e senso comum num lugar, pode não ajudar ou não ser prático em outros. É preciso que estejam abertas para ver outros caminhos e flexíveis para mudar sua própria maneira de pensar. Acima de tudo, isso exige que cada pessoa que está presente aqui tenha um amor verdadeiro pela Companhia e um verdadeiro amor por tudo o que ela é.

A Assembleia exige muita reflexão e discernimento. Depois de considerar suas próprias ideias, escutar e refletir no que é dito pelas outras, todas são chamadas a tomar decisões segundo a sua consciência, sempre tentando evitar apenas “seguir a multidão”. Precisamos da graça de ser capazes de tomar decisões e evitar a todo custo abstenções. A simplicidade requer que sejam claras e diretas e, ao mesmo tempo, respeitadas na maneira de apresentar suas opiniões. Se em algum momento não entenderem alguma coisa, sugiro que procurem ajuda. Façam perguntas até o assunto ficar claro.

Toda a informação que dispõem hoje significou muito trabalho e muita preparação para muitas pessoas. É um material que contém um pouco da colaboração de várias pessoas e um

pedaço do coração de muita gente. Cada Irmã é convidada a respeitá-lo e a tomá-lo como base; porque o que vem do nível local em direção ao nível universal, como mencionei antes, retorna ao nível local.

Além de tratar dos assuntos propostos, escolherão também sua liderança para os próximos seis anos, isto é, a Superiora geral e as Conselheiras gerais. Todas conhecem a função de um líder: ele é alguém que inspira, encoraja, desperta o desejo de lutar pelos objetivos. Aquelas que escolherem devem ter estas características e a capacidade de guiar. Não é suficiente somente saber como administrar, ser organizada e executar. Um bom líder saberá acompanhar, apontando a direção que o Senhor Jesus indica que devemos seguir. Devem escolher uma liderança que as Irmãs estejam dispostas a seguir, para então, por sua vez, conduzirem suas Províncias porque a expressão mais completa da Companhia, conforme as Constituições afirmam, é as comunidades locais. Vemos numa Assembleia que o que começa a partir do nível local e percorre o seu caminho até a Assembleia geral, em seguida, retorna ao nível local, de modo que o carisma da Companhia possa encontrar nele toda a sua expressão.

Deixem-me partilhar alguns outros pensamentos que tenho em relação à Assembleia e nos quais tenho pensado há alguns meses. Mencionei algumas atitudes aqui que são importantes, mas para mim, desde o começo do processo, o que tem sido mais importante é a participação livre de todas as Irmãs que espontaneamente decidem participar. É uma verdadeira demonstração de colegialidade que continua a encontrar sua expressão na Assembleia geral e em suas diferentes atividades.

Há um texto da Escritura que eu tenho usado em diferentes conferências para as Filhas da Caridade, que é um dos meus favoritos e acho apropriado para este momento. É o texto onde Pedro caminha sobre as águas respondendo ao convite de Jesus. E Pedro está disposto a sair do seu próprio mundo, que é o barco onde ele estava, e caminha em direção a Jesus. Enquanto Pedro concentra-se em Jesus, as coisas vão bem. Mas, no momento em que ele toma consciência de onde está, no meio de águas turbulentas, ele perde a confiança e começa a afundar. Porém, Jesus está lá para estender sua mão e socorrê-lo.

Penso que é importante para todas durante esta Assembleia ter esta atitude de Pedro, que é manter-se concentrada no que é mais importante, que é Jesus como nós o compreendemos na e através de nossa tradição Vicentina. Todas são convidadas a concentrarem-se na sua identidade própria. É esta a missão que têm nas mãos, todos os dias nas próximas semanas, sempre conduzidas pelo Espírito do Senhor Jesus; que escutamos no clamor dos pobres e também nos sinais dos tempos no qual vivemos. Não podemos deixar que as águas turbulentas nas quais estamos vivendo nos distraiam e empurrem-nos para baixo. Jesus nos dará a graça de continuar caminhando em direção a Ele, mesmo no meio destas dificuldades. Se em alguns lugares existem situações onde sentem que a Companhia tem caído, a mão de Jesus está lá para levantá-la.

O tema escolhido pela Companhia para nos centrar continuamente em Jesus, o tema para esta Assembleia geral sobre o qual trabalharam nos últimos dois anos, é “Profecia e Esperança, agora e em toda parte”. Suas ações, individuais e da Companhia como um todo, dão um testemunho coletivo. Todas as Irmãs testemunham a capacidade de trabalhar juntas para o bem comum orientadas por aquilo que está estabelecido na Constituição 61, um desejo de viver a unidade na diversidade. Como Filhas da Caridade, todas testemunham uma forma alternativa de vida através dos votos que renovam anualmente e também das virtudes características das Filhas da Caridade - simplicidade, humildade e caridade. Este testemunho profético que dão, suscita esperança para todos, especialmente para aqueles que vivem na pobreza. Cada Irmã é a

mão do Senhor Jesus para levantá-los das águas revoltas, caminhar junto com eles para uma vida plena e abundante, que só pode ser encontrada em Jesus, o Senhor Ressuscitado. A esperança a que são chamadas a testemunhar não é um conceito abstrato, ao contrário, é uma pessoa viva, Jesus Cristo. É Jesus Cristo que revelam ao mundo, à Igreja, àqueles que são pobres. Esta é a chama da esperança que queima intensamente em cada uma e ilumina o caminho para outros.

É esta esperança que devem manter viva, não apenas aqui nestas quatro semanas que se reúnem em Assembleia, mas esperança que devem aprofundar nas suas próprias vidas, individual e comunitariamente quando saírem desta Assembleia. O tema, Profecia e Esperança agora e em toda parte, dará um novo significado, uma nova cor, novas dimensões e metodologias ao e através do trabalho que fazem juntas agora, a partir do que foi feito anteriormente. A esperança desta Assembleia é que o tema revitalizará a Companhia e revitalizando-a, os pobres serão melhor servidos.

Ouvimos em muitos círculos do nosso mundo de hoje, que o mundo tornou-se muito secularizado, que a Igreja e a vida religiosa têm muito pouco a dizer. Somos criticados porque nos distanciamos da realidade do mundo no qual vivemos. E sabemos que em muitos dos nossos lugares de trabalho não é este o caso. Somos chamados a dar um testemunho profético de maneira conjunta, como representantes da Igreja com um chamado especial para acompanhar aqueles que são pobres.

Deixem que eles continuem, minhas Irmãs, a ser a nossa referência; enquanto nos concentrarmos nos pobres do mundo de hoje, eles nos ajudarão a descobrir Jesus vivo, que está sempre presente em sua realidade. Que Jesus presente na realidade dos pobres que nós encontramos hoje toque o Jesus que inspirou cada uma desde o início a responder o chamado. Que esta paixão de Jesus que trazem em seus corações continue agindo e motivando a todas a viverem mais plenamente o carisma tal como foi anunciado pelos nossos queridos Fundadores.

Que São Vicente e Santa Luisa de Marillac cujo Ano Jubilar se aproxima, intercedam por nós neste em que começamos os trabalhos da Assembleia geral de 2009.

Padre Grégory Gay,
Superior geral

ABERTURA DA ASSEMBLEIA

A Companhia hoje

Alocução de Mère Evelyne Franc
Casa Mãe, 19 de maio de 2009

INTRODUÇÃO

Padre Gregory, Padre Javier, minhas queridas Irmãs,

Permitam-me começar esta conferência agradecendo o Padre Gregory, nosso Superior geral, por ter feito a abertura oficial de nossa Assembleia ontem; posso assegurá-lo que não esqueceremos seus conselhos. Meu agradecimento vai também dirigido ao Padre Javier, nosso

Diretor geral, pelas meditações que nos ofereceu estes últimos dias, durante o retiro. Quem teria podido pensar numa melhor introdução para nossa Assembleia geral?

Antes de entrar na matéria de meu tema, *a Companhia hoje*, parece-me oportuno referir-nos para São Vicente e Santa Luísa. Em 1644, Santa Luísa evocando sua peregrinação a Chartres, escreve: Minha devoção da “segunda-feira, dia da Dedicção da Igreja de Chartres, empreguei-a em oferecer a Deus os desígnios de sua Providencia sobre a Companhia das Filhas da Caridade, oferecendo-lhe a Companhia inteira e pedindo-lhe fosse destruída antes que subsistisse contra a Sua vontade. Supliquei para ela, por intercessão da Santíssima Virgem, Mãe e Guardiã da referida Companhia, a pureza de que necessita” (Escrito, 120 – p. 123).

Hoje, nossa presença aqui, 365 anos depois deste acontecimento, é a prova de que a oração de Santa Luísa foi eficaz; ela é, sobretudo, um sinal da misericórdia de Deus, da proteção de Maria para a Companhia e nos faz dar graças pela fidelidade de todas aquelas que nos precederam. Queira Deus que, nestes 365 anos, aquelas que nos seguirão, possam também celebrar a misericórdia do Senhor sobre a Companhia e nossa fidelidade...

De São Vicente, gostaria de citar um trecho da conferência que fez às Filhas da Caridade, no dia 25 de dezembro de 1648, sobre o amor da vocação: Fazer “*Fazeis profissão de dar a vida pelo serviço do próximo, e por amor de Deus! Haverá algum ato de amor que ultrapasse este? Não, porque é indubitável que o maior testemunho de amor é dar a vida pelo que se ama; e vós dais toda a vossa vida pelo exercício da caridade; portanto, vós a dais por Deus. Daqui se segue, que não há emprego no mundo, no que diz respeito ao serviço de Deus, maior que o vosso*”. (Coste IX, 459). Nestas poucas frases, São Vicente resume bem o centro de nossa vocação e percebo nelas um apelo a dar graças e a viver com mais radicalidade ainda o dom de nós mesmas *para o exercício da caridade*.

Nesta introdução, vou abordar rapidamente três pontos: a preparação, a importância e a composição desta Assembleia:

PREPARAÇÃO DESTA ASSEMBLEIA GERAL

Como as anteriores, esta oitava Assembleia geral, é marcada pelo selo da oração ao Espírito. Evoco aqui a preparação dos corações e mentes desde a carta que o Padre Gregory nos enviou em abril de 2007 até hoje.

Sabemos bem como cada Irmã rezou, trabalhou os documentos pessoalmente e com sua Comunidade local, durante a Assembleia doméstica. Convém destacar também que as Assembleias provinciais foram momentos de graça, de verdadeiros kairós onde reinou um clima de diálogo, respeito, abertura e esperança. Quase todas as cartas que me enviaram no ano passado, demonstraram isto. Sem dúvida algumas, foi obra do Espírito, sua disponibilidade às suas luzes e a resposta às orações.

Durante esta Assembleia geral, igualmente a oração de toda a Companhia nos acompanhará, começando pelas Irmãs do Seminário até nossas Irmãs Idosas e doentes que oferecem e continuam oferecendo seus sofrimentos pela Companhia. Estou certa de que neste momento lembram alguns rostos de Irmãs e da promessa de suas orações.

Outro aspecto da preparação foi confiado a uma Comissão que tem trabalhado com nossa Facilitadora e em estreita relação com o Conselho geral, para a elaboração dos documentos e do método de trabalho. Há mais de um ano, as Conselheiras gerais, o Diretor geral e eu mesma, dedicamos à preparação desta Assembleia, um dia inteiro, por ocasião de cada Conselho especial. A este trabalho do Conselho geral, acrescenta-se o de nossas Irmãs do

Secretariado geral, do Centro Internacional de Tradução e do Economato geral. Trata-se, pois de uma obra de colaboração!

Enfim, sempre no âmbito desta preparação, destaco a importância das obras que ocorreram, na Casa Mãe, há um ano, para facilitar a realização de nossa Assembleia e igualmente melhorar o acolhimento dos peregrinos na Capela. É um costume para as Irmãs da Casa Mãe, viver em canteiros de obras... e as seis Comunidades locais desta grande Casa têm dado, uma vez mais, prova de grande disponibilidade e de paciência durante este período. Elas acompanham de um modo especial, o desenvolvimento de nossa Assembleia através por suas orações e mobilização a nosso serviço.

IMPORTÂNCIA DESTA ASSEMBLEIA

Desde ontem, a importância desta Assembleia foi muitas vezes mencionada, mas permitam-me insistir neste assunto. Sabemos por experiência a importância que envolve a meditação diária para começar uma nova jornada, a meditação do dia do Senhor que nos permite reler a semana transcorrida e preparar uma nova; a do retiro mensal, do retiro anual, as jornadas provinciais e da Assembleia provincial... todas são uma ocasião para ajustar os pontos, dar um impulso. O mesmo acontece com a Assembleia geral que deve definir orientações para os próximos seis anos. Este foi o caso da Assembleia de 1985 com o documento “Na encruzilhada”, em 1991 com “Junto ao Poço de Jacó”, em 1997 com “Um fogo novo” e em 2003 com as “Linhas de Ação”. Este lembrete permite-me render homenagem a todos os membros das Assembleias precedentes, à Mère Rogé, certamente próxima de nós, à Mère Anne Duzan, que me disse está unida conosco, à Mère Juana Elizondo, que está aqui em nosso meio, ao Padre Richard Mc Cullen e ao Padre Robert Maloney, sem esquecer o saudoso Padre Lloret e o Padre Quintano.

As Constituições 84 e 87 dão precisões sobre as Assembleias: A Constituição 84a expressa que a função das Assembleias na Companhia é: *“avaliar e promover a fidelidade ao carisma próprio e a vitalidade apostólica”*. Na Constituição 87a, lemos que *“a Assembleia geral representa de modo imediato toda a Companhia”*. Todas nós, aqui reunidas, temos, pois, este privilégio, esta responsabilidade de representar toda a Companhia, com a consequência que desta resulta, isto é, a de fazer o esforço para liberar-nos de toda agenda pessoal, para levar em conta somente o bem da Companhia. São Vicente expressava esta ideia no Conselho de 19 de junho de 1647: nele descreveu a necessidade, na discussão dos assuntos, de considerar em primeiro lugar a glória de Deus, depois o bem da Companhia e em seguida o benefício das pessoas com as quais devemos tratar. Sua fineza habitual o fez acrescentar *“é natural, minhas filhas, olhar para si mesmo; mas imediatamente, é necessário voltar-se para Deus”* (Coste XIII, 630). Cabe a cada uma estar atenta a isto!

COMPOSIÇÃO DESTA ASSEMBLEIA

Dediquemos alguns instantes para estudar a composição desta oitava Assembleia geral:

Ao aplicar da C. 87, tivemos que aumentar o número de delegadas para que fosse igual ao dos membros de ofício. Por isso, o Conselho geral pediu às Províncias da África e América central que elessem duas delegadas. A escolha do Conselho foi guiada pelos seguintes critérios: dar uma delegada a mais à maior Província da América Latina e à menor Província da África, ambas compostas de vários países.

Ontem, cada Irmã deve ter observado quando a Secretaria geral, Irmã Ana Maria Olmeda procedeu a chamada dos membros da Assembleia, que algumas delegadas foram designadas Visitadoras; por conseguinte, as Irmãs eleitas como suplentes passaram a ser

delegadas. É o caso da Província do Congo, Bélgica, África do Norte e Eslovênia. Por último, duas Irmãs eleitas delegadas, comunicaram-me que gostariam de renunciar, por motivos de saúde, ao seu direito de participar da Assembleia geral. Estas Irmãs da Província da China e da Albânia Nova Iorque foram igualmente substituídas pelas Irmãs eleitas suplentes. Assim pois nossa Assembleia é composta por 184 membros, 92 delegadas e 92 membros de ofício. Estes compreendem os 13 membros da Cúria generalícia e Mère Juana Elizondo, as 76 Visitadoras, a Responsável regional e uma Irmã Servente da Quase-Província (C. 87c). Acrescento também que nossa média de idade é de 57, 27 e que 109 dos 184 membros que compõem nossa Assembleia participam pela primeira vez de uma Assembleia geral.

Agora, volto à C. 84 “*avaliar e promover a fidelidade ao carisma próprio e a vitalidade apostólica*”; este é o plano que vou seguir: numa primeira parte, apresentarei uma releitura dos últimos seis anos e na segunda parte, proporei algumas pistas tiradas da reflexão e da experiência do Conselho geral sobre os desafios que a Companhia enfrenta atualmente. O verdadeiro trabalho desta Assembleia começará em seguida em seus grupos, mas desejo que os elementos que eu vou apresentar sobre a vida destes últimos seis anos e possíveis pistas, sulcos, caminhos sejam uma ajuda para todas vós.

1ª parte: AVALIAR

Esta avaliação entra no aspecto da missão que vós me confiastes, mas é também uma alegria retomar convosco os grandes acontecimentos que, pela Providência de Deus, marcaram a vida da Companhia nestes últimos anos. Cabe a mim também apresentar-vos o que as Irmãs do Conselho geral e eu mesma, em relação com a Ecônoma geral e a Secretária geral, tentamos realizar, “Em atitude de serviço, vela para manter a unidade na fidelidade ao espírito da Companhia e à obediência ao Superior geral e à Igreja” para retomar os termos da Constituição 66a.

Apreciei muito o clima de verdade na caridade, de unidade na liberdade que marcou o trabalho do Conselho geral. Vivemos em comunidade de fé nossa difícil missão, na colaboração e subsidiaridade. Tentamos equilibrar viagens às Províncias e o trabalho aqui, na Casa Mãe.

Agora, volto a falar sobre alguns acontecimentos que marcaram estes seis anos, buscando não ser exaustiva; não se trata de informações novas, porque muitas já saíram nas cartas chamadas de família. Procurei reagrupá-las em diferentes categorias: o *serviço dos pobres*, as *sessões em Conselho especial*, a *formação* e a *solidariedade*, e para finalizar, dar-vos-ei um resumo das *estatísticas*.

SERVIÇO DOS POBRES (implantações, Projeto Dream, ONU, IPS,)

Implantações

Parece-me justo começar este olhar sobre os seis anos transcorridos com o serviço dos pobres, nossa razão de ser, o exercício da caridade, como dizia São Vicente. Graças à disponibilidade das Irmãs e a generosidade das Províncias de língua inglesa (E.U.A., Grã-Bretanha, Irlanda e Austrália) a Companhia pode abrir em janeiro de 2005 uma missão nas Ilhas Cook.

Em agosto de 2005 duas Irmãs da Província de Cracóvia se unem em Magadan (Rússia extremo oriente) a uma Irmã da Província de Los Altos, Província que havia começado esta missão nesta região estigmatizada pelo gulag estaliniano.

Em junho de 2006, três Irmãs vindas das Províncias do Congo-Congo e de Madagascar abriram uma missão na Tanzânia, numa região afastada do nordeste deste país.

Sem dúvida todas sabem que brevemente as Províncias da Nigéria e da África do Norte iniciarão uma nova missão na diocese de Nouna, no Burquina Faso.

Projeto Dream

Em junho de 2005, a Companhia assinou um acordo com a Comunidade Santo Egídio, reconhecida canonicamente como uma Associação pública de leigo e que reagrupa atualmente mais de 50 000 pessoas, engajadas na evangelização e caridade na Itália e em mais de 70 países. Esta comunidade organizou uma estratégia de luta contra a AIDS (**Sida para Portugal e Moçambique**) que a chamou DREAM (Drug Resources Enhancement against Aids and Malnutrition). (**Melhora de Recursos em medicamentos contra a Aids e a Desnutrição**). Este projeto Dream consiste em cuidar das mulheres grávidas que são portadoras do H.I.V (**soropositivas**), para assegurar que seus bebês nascem sem a doença. Também garante o acesso gratuito às terapias e inclui uma abordagem global que permite combater, ao mesmo tempo, os efeitos da AIDS, tuberculose, malária e desnutrição. O Padre Maloney é o coordenador do projeto DREAM para as Filhas da Caridade e, atualmente, este projeto funciona nas Províncias de Moçambique, Nigéria, Camarões, Quênia (Província da Irlanda) e na Província do Congo. Trata-se de excelente projeto para os doentes da AIDS na África. Ajuda a formar as Irmãs, o pessoal técnico e de saúde que colabora com elas. No entanto, continua sendo um verdadeiro desafio por causa do número de doentes que não podem ainda ser atendidos e por causa do financiamento caro que isso implica.

ONU

No dia 22 de janeiro de 2007, a Companhia obteve o Estatuto consultivo junto ao Conselho econômico e social da ONU. Nossa Companhia é reconhecida neste quadro como uma Organização não governamental que combate às causas da injustiça, recomenda a promoção integral da pessoa humana e favorece o restabelecimento da paz. Depois da nomeação de Irmã Germaine Price como nossa representante permanente na sede das Nações Unidas em Nova Iorque, este ano, pedimos à Irmã Patrícia Connolly (São Luís) para colaborar com ela em Nova Iorque e à Irmã Monique Javouhey (França Sul) para nos representar em Genebra. Acrescento que a Companhia é reconhecida também junto do DPI, Departamento de informação das Nações Unidas, e colabora assim em todas grandes campanhas em favor da educação, da saúde e da paz.

IPS

Em maio de 2004, o Conselho geral decidiu a criação do Escritório internacional de projetos que está a serviço das Províncias. Este Escritório apresenta os projetos, que as Províncias enviam, em favor de nossos irmãos e irmãs desfavorecidos a Fundações e até hoje financiou mais de 300 projetos (6 milhões de U\$).

SESSÕES EM CONSELHO ESPECIAL

A Assembleia de 2003, ao proceder à revisão das Constituições e Estatutos, aprovados pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, no dia 25 de março de 2004 e entrado em vigor no dia 29 de novembro deste mesmo ano, legou um presente precioso para a Companhia. Isto dá-me a oportunidade de agradecer a Irmã

Elizondo e aos cinco membros do Conselho geral anterior que se encontram entre nós (Irmã Barrett, Irmã Giffard, Irmã Kisu, Irmã Leitenbauer e Irmã Neo).

Antes de estender-me um pouco mais sobre as Constituições, devo recordar que uma das primeiras tarefas do Conselho geral foi redigir as Linhas de Ação, missão que lhe havia sido confiada no final da Assembleia de 2003; elas foram publicadas em janeiro de 2004 e, acredito, tenham sido muito úteis à Companhia. Todas nós participamos em sua avaliação por ocasião da preparação desta Assembleia de 2009.

Em seguida, tivemos que realizar às mudanças introduzidas nas Constituições. As fichas do Padre Alvarez e do Padre Quintano, facilitaram muito o trabalho de formação que realizaram em suas Províncias e creio poder adiantar que na Companhia inteira, as Irmãs tiveram a possibilidade de familiarizar-se, de aprofundar estas Constituições de 2004.

No Conselho geral, recebemos, estudamos e às vezes sugerimos modificações, em seguida, aprovamos as Normas Provinciais que nos enviaram para definir o método de designação das Visitadoras e Conselheiras provinciais.

Do mesmo modo, estudamos as aplicações provinciais do Estatuto 5 (Retiro anual), Estatuto 20 (modalidades de oração pelas Irmãs falecidas) e o E.23b (frequência e modalidades das visitas à família) que nos enviaram em anexo de seus Projetos provinciais ou como Normas provinciais.

Este estudo em vista da aprovação das Normas foi rica em ensinamento e pudemos constatar sua criatividade, suas diversidades culturais e nossa unidade no aspecto das Constituições.

Outra tarefa do Conselho geral foi estudar e aprovar o Guia da Ecônoma provincial, preparado por Irmã Rita Ferri, Ecônoma geral e o Guia da Secretária provincial, preparado por Irmã Ana Maria Olmeda, Secretária geral. Ambas reuniram uma equipe para ajudá-las em seus trabalhos. Estes dois Guias, claros e precisos, são destinados a ajudá-las na administração de suas Províncias.

Em breve receberão o Guia da Formação inicial, revisado de acordo com as Constituições de 2004.

O Conselho geral também tem trabalhado bastante no Guia da Visitadora e de seu Conselho e no da Irmã Servente. Estes dois guias estão bem avançados, mas precisam ainda de alguns ajustes antes de ser-lhes enviados. Da mesma maneira a Instrução sobre os votos está em revisão.

Os “Estatutos particulares para a Casa Mãe em Paris e a Casa Maria Immacolata em Roma” (Quase-Província) foram totalmente reformulados para serem ajustados às Constituições de 2004. Estes Estatutos tinham sido promulgados “ad experimentum” por três anos pelo Padre Maloney em junho de 2005. Eles foram avaliados pela Assembleia da Quase-Província e revisados novamente pelo Conselho geral em maio de 2009.

Parece-me importante destacar a coragem de várias Províncias que, discernindo os sinais dos tempos e em diálogo com suas Irmãs, decidiram empreender um caminho de reunificação com outras Províncias. Posso citar, por exemplo, as Províncias dos Estados Unidos. O Conselho geral autorizou seu projeto e o acompanha com interesse. Sem dúvida, outros seguirão.

FORMAÇÃO

Além das cinco Sessões Vicentinas habituais – realizadas sempre com êxito – foram organizadas na Casa Mãe Sessões mais longas, favorecendo o aprofundamento do Carisma, dos documentos dos Fundadores e da espiritualidade vicentina, para grupos de Irmãs de língua inglesa vindas da Ásia, grupos de língua francesa e de língua inglesa vindos da África, grupos de língua espanhola vindos da América Latina, e grupos de língua portuguesa (Brasil e Portugal). Para as Irmãs de língua inglesa vindas dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha, da

Irlanda e da Austrália foi organizado também uma Sessão Vicentina de nove meses que é uma imersão na espiritualidade de nossos Fundadores e um estudo da atualidade do carisma.

Em setembro de 2005, realizou-se na Casa Mãe uma Sessão reunindo todas as Irmãs que trabalham com migrantes e deslocados.

O Padre Javier organizou duas sessões para os Diretores provinciais recentemente nomeados, em 2006 e 2008. É necessário assinalar também, em maio de 2005, a Sessão das Visitadoras recentemente nomeadas e o Encontro Interassembleias das Visitadoras em maio de 2006.

A Casa Mãe também acolheu Retiros internacionais, várias Sessões organizadas por algumas Províncias particulares, os Países Baixos, Itália, Espanha, França, sem esquecer a Assembleia de Internacional da Juventude Marial Vicentina.

O Centro Internacional Missionário existe graças à disponibilidade das Irmãs que pedem Missões e das Visitadoras que as deixam partir. Desde a última Assembleia geral, 25 Irmãs foram enviadas em missão. O Centro funciona com flexibilidade, está a serviço da Companhia para responder às múltiplas necessidades: a preparação a um envio em Missão Ad Gentes ou o envio a uma missão determinada.

SOLIDARIEDADE

A solidariedade entre as Províncias é uma característica particular da Companhia, mas a evolução do mundo tornou esta solidariedade ainda mais necessária. Todas nós sentimos as catástrofes naturais que atingiram uma ou outra Província, começando com o terremoto de Bam no Irã até o de Abruzzes na Itália início de abril, sem esquecer, evidentemente, o terrível tsunami no final de 2004, o terremoto de Pisco onde morreram Irmã Antonieta Perla e Irmã Elizabeth Oré durante uma celebração eucarística no dia 15 de agosto de 2007. Poderíamos evocar também os furacões Mitch e Katrina, os deslizamentos de terra nas Filipinas, as inundações, erupções vulcânicas. É necessário igualmente mencionar as guerras, as faminas, as perseguições e outras situações de pobreza extrema que temos partilhado, com nossas Irmãs do Líbano, da Eritreia, do Congo, da Colômbia, da Venezuela, da Índia e tantas outras.

A oração, a partilha de recursos humanos e materiais, as mensagens de ânimo concretizaram esta solidariedade entre nós, abriram nosso coração e deram-nos a alegria de carregar juntas um pouco o peso do sofrimento do mundo.

ESTATÍSTICAS

Ao final de minha conferência, todas receberão um folheto com as estatísticas detalhadas por continente, mas darei agora os números globais referentes à Companhia inteira. Em 2003, a Companhia contava 22.137 Irmãs, em 2009 conta 19.436 ou seja 2.701 Irmãs a menos; esta diferença se explica assim: durante este período, houve 770 entradas e 2.904 mortes às quais é necessário somar, infelizmente, as saídas, ou seja, 567 Irmãs dentre as quais 128 Irmãs do Seminário e 174 Irmãs que não tinham pronunciado os votos pela primeira vez. A percentagem de saídas é o mesmo: 0,48%, inclusive é um pouco inferior; mas a saída de tantas Irmãs na etapa da formação inicial nos questiona. Faço-me duas perguntas, mas com esta análise teríamos que ir mais além. As etapas que precedem o Seminário, Postulado, Pré-Postulado são bem organizadas? A formação das formadoras (formadoras no sentido estrito e Irmãs Serventes) é bem feita, garantida?

Muitas Irmãs da Casa Mãe voltaram ao Pai durante estes seis anos; permitam-me destacar de modo particular, o falecimento discreto de Mère Chiron, no dia 13 de agosto de 2003; tive o privilégio de assisti-la em seus últimos momentos e vi morrer pacificamente, feliz de encontrar-se com seu Senhor e a Virgem Maria.

A descrição destes seis anos não tinha a pretensão de ser exaustiva (cansativa), disse que (eu poderia falar das mudanças feitas na formação das Irmãs na China continental), mas não posso terminá-la sem mencionar as graças recebidas pela Companhia com as beatificações de Irmã Rosalie Rendu (novembro de 2003) Irmã Lindalva Justo de Oliveira (dezembro de 2007) Irmã Giuseppina Nicoli (fevereiro de 2008) e Irmã Marta Wiecka (maio de 2008). Além disso, tenho a alegria de anunciar-lhes que em outubro próximo, a Comissão de Teólogos examinará em Roma, a causa de um grupo de Mártires da Espanha, o de Irmã Josefa Martinez Perez e suas doze companheiras, mártires de 1936.

Todas e muitas outras com elas, souberam responder aos desafios de seu tempo e viver plenamente o carisma da Companhia. Não tenho dúvidas de que elas nos ajudam nesta busca de fidelidade a este carisma.

2ª parte:

PROMOVER A FIDELIDADE AO CARISMA PRÓPRIO E A VITALIDADE APOSTÓLICA

Acabamos de ver como o Espírito trabalhou no seio da Companhia nestes seis últimos anos; nesta segunda parte, perguntemo-nos como esta Assembleia pode encorajar a Companhia a ir além.

Vou retomar, pois, alguns pontos que detiveram a atenção do Conselho geral e apresentá-los como apelos à conversão.

NÃO NOS CONFORMEMOS COM ESTE MUNDO, MAS TRANSFORMEMO-NOS... (cf. Rm 12,2).

O logotipo que acompanha o tema da nossa Assembleia, *Profecia e Esperança agora e em toda parte* contém o selo da Companhia e o mundo... símbolo do Amor de Cristo presente no mundo e do serviço que as Filhas da Caridade exercem em nome de Cristo em meio a este mundo, segundo o carisma dos Fundadores.

Em 1966 e em 1968 Mère Guillemin dirigia-se assim à Companhia:

“Se nós não somos resolutamente Filhas da Caridade com tudo o que isto comporta de espírito de oração, de caridade mútua, de renúncia vivida, de sentido do outro, de disponibilidade às suas necessidades, na alegria, não temos mais nada a dizer às pessoas que não encontrando em si mesmas a resposta de Deus aos seus problemas, o esperam de nós” (1º de janeiro de 1966).

“É estranho constatar que freqüentemente, o fato de colocar a serviço do homem os meios tecnológicos e os organismos sociais, respondendo a maior parte das suas necessidades, não deixa de oprimi-lo, acentua sua impressão de despersonalização, de solidão e ofusca-lhe a visão de Deus. Em meio a tudo isto, nossa razão de ser, que não é mais motivada habitualmente pelo trabalho que os leigos realizam tão bem quanto nós, nossa razão de ser consiste em encarnar a caridade” (2 de fevereiro de 1968).

Estas frases contundentes (convincentes) não perderam sua força depois de mais de quarenta anos, são inclusive mais exatas agora, pois a sociedade secularizou-se numa rapidez extraordinária, e isto, em todos os continentes. Hoje, mais do que nunca, corremos o risco de não ter mais nada a dizer às pessoas e, algumas vezes, temos dificuldade em encarnar a caridade porque perdemos nossa mobilidade, somos atingidas por rigidez e cegueiras apostólicas... Rigidez quando temos dificuldade para viver com disponibilidade e flexibilidade as adaptações e mudanças na nossa maneira de servir; cegueiras quando empreendemos novos serviços sem ter visto bem onde estão as prioridades...

Gostaria de retomar a alocução do Papa Bento XVI às Superiores gerais em 2006 em Roma: *“A cultura secularizada penetrou na mente e no coração de não poucos consagrados, que a entendem como uma forma de acesso à modernidade e uma modalidade de abordagem do mundo contemporâneo”*. Um pouco mais adiante, neste mesmo discurso, o Papa

acrescentou: “*Os homens e mulheres consagrados são chamados a permanecer no mundo como sinal credível e luminoso do Evangelho e dos seus paradoxos, sem se conformar com a mentalidade deste século, mas transformando-se e renovando continuamente o próprio compromisso, para poder discernir a vontade de Deus, o que é bom, o que é do seu agrado, o que é perfeito*” (cf. Rm 12, 2).

E QUEM PODE AJUDAR-NOS NESTA TAREFA, SENÃO O ESPÍRITO SANTO, QUE VEM EM AUXÍLIO À NOSSA FRAQUEZA? (cf. Rm 8, 26).

A Encíclica *Dominum et Vivificantem* do Papa João Paulo II nos apresenta o Espírito Santo como o acompanhante espiritual da Igreja, do povo de Deus através dos séculos; “*Aquele “ensinará” ... e “recordará” significa não só que Ele, da maneira que lhe é própria, continuará a inspirar a divulgação do Evangelho da salvação, mas também que ajudará a compreender o significado exato do conteúdo da mensagem de Cristo; que Ele assegurará a continuidade e identidade de compreensão dessa mensagem, no meio das condições e circunstâncias mutáveis. Por conseguinte, o Espírito Santo fará com que perdure sempre na Igreja a mesma verdade, que os Apóstolos ouviram do seu Mestre*” (Nº 4).

Da mesma maneira que no número 60, lemos: “*Quando os homens descobrem, sob a influência do Paráclito, esta dimensão divina do seu ser e da sua vida, quer como pessoas, quer como comunidades, estão em condições de libertar-se dos diversos determinismos, que resultam principalmente das bases materialistas do pensamento, da práxis e da sua relativa metodologia. Na nossa época, estes fatores conseguiram penetrar até ao mais íntimo do homem, naquele santuário da consciência, onde o Espírito Santo continuamente faz entrar a luz e a força da vida nova segundo a «liberdade dos filhos de Deus»*”.

O Espírito Santo, como o sabemos, foi o acompanhante dos nossos Fundadores. Para São Vicente, somente a atenção ao Espírito Santo pode assegurar a adaptação aos tempos, aos lugares, às mais diversas necessidades, a criatividade diante de toda forma de pobreza, a renovação contínua contra as tentações de refúgios tranqüilos e finalmente a verdadeira comunhão com os Pobres.

São Vicente tinha o costume de confiar suas filhas ao Espírito Santo, assim, por exemplo, dizia às Irmãs enviadas a Cahors em 1658: “*Ide, pois minhas filhas, com a confiança de que o espírito de Nosso Senhor estará convosco*” (Conferência, p. 828).

Em 26 de maio de 1659, Santa Luisa escrevia à Irmã Jeanne Delacroix em Châteaudun: “*Pedi a Deus pela Companhia, para que sua bondade derrame seu Espírito Santo sobre todas, em geral e em particular, sobretudo para que sejamos muito fiéis*” (E. p. 724)

Nossas Constituições repetem isto várias vezes:

“*As virtudes evangélicas de humildade, simplicidade e caridade são o caminho pelo qual as Filhas da Caridade se deixam conduzir pelo Espírito Santo*” (C.13).

As Filhas da Caridade “*procuram ser dóceis às inspirações do Espírito, convencidas de que, na medida em que forem fiéis, serão instrumentos de suas obras. Santa Luisa de Marillac desejava que a Companhia fosse dependente do Espírito Santo para realizar o desígnio do Pai e testemunhar o Filho ressuscitado*” (C. 17c).

A conversão requer uma mudança total, uma transformação desde o interior da pessoa: “*Porei no vosso íntimo um espírito novo, tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei de um coração de carne*” (Ez 36, 26). Uma pessoa convertida nasce de novo, vê todas as coisas à luz do amor compassivo de Deus.

O Espírito é nosso acompanhante durante esta Assembleia, está presente no meio de

nós, vem para fazer novas todas as coisas. É a hora do Espírito, a hora de escutá-lo, de deixarmo-nos transformar por Ele como o foram os apóstolos... Temos a responsabilidade de aproveitar esta ocasião para utilizar todo o rico material que emana da Companhia e reunido na Síntese e, talvez mais ainda, tudo o que vai surgir das nossas partilhas em grupos, de nossas reflexões sobre a síntese...

DEUS NÃO NOS DEU UM ESPÍRITO DE MEDO (cf. 2 Tm 1,7).

Os números apresentados poderiam inquietar-nos, mas minha preocupação não se situa neste nível; entretanto, entretanto, estou certa que é crucial perguntarmo-nos se nós correspondemos bem à nossa missão na Igreja, se não temos deixado perder em nós, em nossas comunidades, em nossos serviços o sabor do sal do carisma. Esta interrogação vale para todas nós. Eu dizia anteriormente que nenhum continente foi poupado pela secularização, e mesmo cada Província, quer sejam numerosas ou escassas as vocações, em todo lugar existe o risco de nos dissolvermos na corrente humanitária, de atenuar a radicalidade de nossa opção pelo serviço de nossos senhores e mestres os pobres, de não estar bastante próximas do mundo dos excluídos.

ONDE ESTÁ O ESPÍRITO DO SENHOR, ALI ESTÁ A LIBERDADE (cf. 2 Co 3, 17).

Abrimo-nos ao Espírito, pessoalmente e em comunidade, para encontrar gestos proféticos de pobreza no estilo de vida, em nossa maneira de servir, para encontrar a verdadeira disponibilidade do coração que permite a uma Irmã nada preferir ao serviço de Jesus Cristo. Abrir nossos corações ao Espírito, para converter-nos... Como traduzir em gestos mais concretos nosso amor aos pobres, nossa determinação a não acostumar-nos à miséria, à desigualdade? O Espírito está sempre à hora certa, ele vai inspirar cada uma de nós, estará presente em nossos diálogos, para ajudar-nos a encontrar de novo nosso verdadeiro lugar na sociedade atual.

Por outro lado, as Constituições que acabamos de revisar e que *devem tornar-nos livres para amar*, propõem-nos uma regra de vida bem clara e flexível que permite-nos usar toda a nossa imaginação em favor dos pobres. Se as lemos novamente à luz do Espírito, descobriremos nelas que estão bem destacados os sinais proféticos, os testemunhos de esperança dos quais o mundo necessita e espera particularmente de nós. Por exemplo:

O anúncio da boa nova da salvação

Vejam como o texto das Constituições o expressa “*a Companhia participa da missão universal de salvação da Igreja, conforme o carisma dos Fundadores*” (C. 1a) e “*Buscando revelar o Senhor aos pobres, as Filhas da Caridade, anuncia-lhes o Evangelho, explicitamente onde é possível e sempre pela vida*” (C. 24b). Pergunto-me se o serviço corporal e o serviço espiritual continuam ligados na prática do nosso serviço como o estão nos conselhos de São Vicente e de Santa Luisa? Talvez nos seja necessário superar certo respeito humano para falar de Deus, talvez nosso coração não esteja abrasado o suficiente do amor de Cristo para irradiá-lo e comunicá-lo?

A defesa e a promoção da cultura da vida

As Filhas da Caridade “*pronunciam-se abertamente pelo respeito e a defesa da vida humana em todas as suas fases e pelo o direito à paz para todos os povos e nações. Denunciam as situações que exploram e excluem as pessoas*” (E. 8c). O respeito à vida, dom de Deus, nos inspira uma ternura e uma delicadeza infinitas no acompanhamento que oferecemos às pessoas

que estão no fim da vida e aos seus familiares?

A defesa dos excluídos e a paixão pela justiça

“Comprometem-se a trabalhar no plano social para mudar as estruturas injustas que geram a pobreza” (C. 24e). Temos ainda um grande campo a explorar neste domínio; a caridade segundo o Compêndio da Doutrina Social da Igreja no nº 207 é: *“uma força capaz de suscitar novas vias para enfrentar os problemas do mundo de hoje e para renovar profundamente desde o interior das estruturas, organizações sociais, ordenamentos jurídicos”*.

O testemunho da caridade

“As Irmãs podem partilhar com outras pessoas sua vida de oração e de reflexão na amizade e na acolhida fraterna” (E. 22). Uma bela possibilidade de abaixar os muros que protegem nosso conforto comunitário, de tornar presente ao nosso redor o carisma da Caridade.

A colaboração

“As Irmãs trabalham com outras pessoas em leal colaboração, num espírito de partilha, colocando em prática os valores que a Companhia procura viver. A cooperação com os organismos privados ou públicos permite um melhor serviço e um maior testemunho evangélico... A fidelidade às suas origens leva-as a trabalhar em colaboração com os diversos ramos da Família Vicentina e a suscitar o engajamento de jovens e adultos no serviço dos mais desprovidos” (E. 9a, c). Algumas expressões são muito fortes: todas devem ter observado como o Estatuto 9a qualifica a cooperação com os organismos privados ou públicos? Ela *permite um melhor serviço e um maior testemunho evangélico*. Algumas das Irmãs poderia acrescentar que esta cooperação ocasiona algumas vezes também muitas dores de cabeça e complicações... eu não nego, mas a solução não está na aprendizagem de uma verdadeira colaboração que respeite nosso carisma? Não se trata de lutar com todas as nossas forças para manter a direção de nossas obras. Temos que perguntar-nos se os serviços, certamente úteis, que prestamos são verdadeiramente evangelizadores e proféticos. De qualquer maneira, não podemos delegar o exercício da caridade.

Poderíamos multiplicar exemplos deste tipo, mas escolhi aqueles que tinham relação com nosso serviço, mas o testemunho da nossa vida fraterna, de nossa vida de oração são todos sinais da presença do Espírito da qual nossos contemporâneos tem sede. Esta vida fraterna, esta vida de oração necessitam de conversão, estão bem ancoradas no Amor de Cristo?

Agucemos nossa capacidade de discernir, de buscar a vontade de Deus, junto com nossas Irmãs, em comunidade de fé. O exercício da caridade começa pela oração, depois a reflexão sobre nosso serviço, para encontrar, colocar em ação o dinamismo libertador do amor, da caridade, segundo o Evangelho e segundo São Vicente e Santa Luisa. Renovemos também nossa capacidade de contemplar o Cristo *“no coração e na vida dos pobres nos quais a graça atua sempre para santificá-los e salvá-los”* (C.10a). Eles nos ensinarão a ser sinais legíveis de vida evangélica para uma humanidade sedenta de Deus, sensível aos gestos e aos atos de bondade, de amor, de ajuda desinteressada, para uma humanidade que freqüentemente rejeita Deus, mas que aspira à justiça, à fraternidade.

A crise econômica que atravessamos e a miséria que provoca em todos os continentes nos interpelam, nos desinstalam em nossas escolhas, nossos hábitos, nossos modos de pensar. Assistimos ao fracasso de um sistema baseado na lei do lucro, no consumismo artificialmente

dopado, sem respeito pela criação. É também a crise de um sistema que fabrica pessoas “abandonadas”. O grito de São Vicente é sempre atual: “*os pobres que não sabem aonde ir nem o que fazer, que já sofrem e que se multiplicam todos os dias, são meu peso e minha dor*” (Collet 1, 479).

VAMOS RECEBER UMA FORÇA DO ESPÍRITO SANTO QUE DESCERÁ SOBRE NÓS (cf. At 1,8).

Peçamos ao Espírito:

- **a água** que lava nosso olhar, purifica nossos corações cheios de preocupações inúteis, a fim de que Deus possa ocupar nele o seu lugar.

- **o óleo** que suaviza nossas articulações paralisadas, cura nossos cansaços, nossas faltas de disponibilidade, de coragem para servir os pobres,

- **o fogo** que queima as barreiras que erigimos em nossa vida comunitária para preservar nossa independência, evitar implicar-nos demais na vida fraterna.

Se vivemos pelo Espírito, andemos também de acordo com o Espírito (cf. Gl 5, 25)

Trata-se de renovar o ardor missionário..., a paixão por Deus, a paixão pelos pobres. Toda a nossa vida é missão e para a missão; quaisquer que sejam nossa idade, nossa função, nosso serviço, todas somos responsáveis por contribuir com todas as nossas forças à missão da Companhia (cf. C. 34a). Desde a última Assembleia geral, 52 Irmãs foram emprestadas para servir na Casa Mãe e 23 vieram para o Centro de Tradução, o Secretariado geral ou o Economato geral. Assim, a Casa Mãe conta com 28 nacionalidades. Mais de 25 Irmãs foram enviadas em missão Ad Gentes do Centro Internacional Missionário e outras foram prestar serviços pontuais de Província à Província... É muito e sou-lhes grata de todo coração, mas... é ainda muito pouco! Conheço ao menos seis Visitadoras nesta sala que buscam desesperadamente ajuda em pessoal. Elas precisam de Irmãs para não terem que fechar serviços de grande importância para a vida de nossos irmãos e irmãs pobres, para não ter que deixar serviços em países onde a presença cristã já é mínima e, às vezes ameaçada. Esperamos que a chama missionária continue ardente na Companhia!

Sejamos alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração (cf. Rm 12, 12)

O testemunho alegre e evangélico de nossas Comunidades locais é um sinal legível da presença de Jesus Cristo amado e servido nos pobres, é um forte sinal da beleza e da atualidade de nossa vocação. (cf. C. 59) O Papa João Paulo II expressava a mesma idéia em Vita Consecrata: “*No nosso mundo, onde freqüentemente parecem ter-se perdido os vestígios de Deus, torna-se urgente um vigoroso testemunho profético por parte das pessoas consagradas. A própria vida fraterna é já profecia em ato...*” (nº 85).

Saibamos arriscar a proposta do compromisso! Que nossa pastoral vocacional seja bem situada no contexto mais amplo da pastoral da juventude. Algumas vezes, o terreno onde o bom grão da palavra é semeado está erizado de novos obstáculos, mas a força germinativa da semente não diminuiu, portanto temos que traçar novos sulcos incansavelmente!

CONCLUSÃO

A caridade de Jesus crucificado nos impele (cf. 2 Co 5,14).

Será que todas se lembram da frase que Jean Anouilh colocou nos lábios do chanceler Séguier no filme ‘Monsieur Vincent’? *“A Caridade, fostes vós que a inventastes. Outrora não era mais que uma virtude e estava muito bem... Mas vós tivestes idéias grandiosas, movestes céu e terra... Antes de vós, Senhor, havia pobres, mas estes não impediam as pessoas honestas de dormir. Agora, eles estão em toda parte. Eu diria, dir-se-ia que vós os inventastes!”*

Que bom seria se nos fizessem o mesmo reproche, que a Companhia hoje não seja dissociada dos pobres, que irradie agora e em toda parte o carisma da caridade! Os pobres, *vós os tereis sempre convosco*, nos diz Jesus, mas que se acenda em nós o zêlo apostólico de São Vicente e de Santa Luisa pelos pobres, que os amemos, estejamos próximas delas, servindo-os com ternura e devoção, denunciando a tempo e a contratempo a injustiça que sofrem!

Termino esta visão panorâmica da vida da Companhia com a certeza de que o Espírito que acompanha a nossa Assembleia fará mais do que nós ousamos imaginar e dirijo meu olhar à Virgem Maria como o fez Santa Luisa em sua peregrinação a Chartres, peregrinação que eu mencionei no início desta conferência: *“E, vendo na Santíssima Virgem a realização de todas as promessas feitas por Deus aos homens e, no mistério da Encarnação cumprido o voto da Santíssima Virgem, pedi para a Companhia esta fidelidade, pelos méritos do sangue do Filho de Deus e de Maria. Que ele fosse o laço forte e suave dos corações de todas as Irmãs para honrar a união das três pessoas divinas”* (Escritos, 143).

Irmã Evelyne FRANC
Filha da Caridade

ELEIÇÕES

Eleição da Superiora geral

Os membros da Assembleia pediram ardentemente a vinda do Espírito Santo, recolhendo-se com Maria no Cenáculo, durante o retiro preparatório para este grande acontecimento para toda a Companhia.

Segunda-feira de Pentecostes, 1º de junho, começa o dia com uma concelebração eucarística presidida pelo Padre Grégory Gay. Em sua homilia, ao comentar o Evangelho do dia, o Superior geral recorda qual é a missão da Superiora geral em relação a Companhia, a Igreja e o mundo de hoje.

A Assembleia procede logo a eleição
da Superiora geral:

Irmã Evelyne FRANC

é reeleita para um novo mandato de seis anos.

Contando com a graça de Deus, a ajuda dos Padres Grégory Gay e Alvarez e a colaboração de todas as Irmãs, Nossa Superiora geral coloca-se à disposição da Companhia.

O sino da Casa Mãe anuncia a notícia e todas as Irmãs se reúnem no jardim, junto à sala de conferências, para expressar à Nossa Superiora a sua afeição, o seu reconhecimento e assegurá-la o seu apoio e orações. A notícia se espalha rapidamente por telefone, fax, e-mail a todas as Províncias do mundo.

ELEIÇÕES

Eleição da Superiora geral

Homilia do Padre Grégory Gay

Segunda-feira de Pentecostes, 1º de junho de 2009

A Palavra de Deus sobre a qual a Igreja universal reflete hoje (Tobit 1, 1a ; 2, 1-9 ; Mc 12, 1-12) é bem apropriada para a eleição da Superiora geral que irá acontecer depois da missa. Deixem-me explicar.

A primeira leitura é do livro que conta a história de Tobit, um homem de Deus, dedicado à oração e como ouvimos na leitura, um homem dedicado aos pobres. Ele disse ao seu filho para sair e encontrar um homem pobre e trazê-lo de volta, para que ele pudesse partilhar sua refeição com ele. O conceito de partilha da refeição é uma rica expressão simbólica na Bíblia. Quando alguém partilha a mesa com o pobre, esta pessoa se compromete a partilhar a si mesmo.

Mais adiante na leitura, vemos como Tobit tem empatia pelo drama dos pobres. Seu filho falou-lhe sobre pessoas que foram assassinadas. Tobit chorou e, em seguida, com suas próprias mãos cavou uma cova e enterrou a pessoa que estava morta. Fez isso apesar dos riscos envolvidos porque as autoridades civis tinham proibido o povo de Tobit de realizar dignamente o funeral para os mortos.

No Evangelho de Marcos, nós ouvimos a parábola do vinhateiro e os riscos permanentes que os servos do proprietário da vinha enfrentaram e como até o filho do dono da vinha foi morto pelos vinhateiros. O que estas leituras dizem a vocês hoje neste momento que preparam suas mentes e corações para ouvir intensamente o Espírito Santo com pureza de intenção e eleger sua Superiora geral? A Superiora geral que for eleita, assim como Tobit, é chamada a ser uma pessoa de Deus dedicada à oração, confiante na Providência, a abrir o seu coração para pedir a sabedoria, a compreensão e a compaixão. Ela, junto com todas as Irmãs da Companhia, deve procurar os pobres e trazê-los para sua mesa. Em outras palavras, ela deve chamar a Companhia à solidariedade com aqueles que estão às margens da sociedade, os marginalizados para que eles sentem-se à mesa e partilhem a abundância da vida que Deus dá a todos os seus filhos.

Como Tobit tinha empatia com o drama do pobre que foi assassinado, assim também a Superiora geral deve ser sensível ao drama daqueles que vivem na pobreza. Ela, com o restante da Companhia, deve arriscar, apesar do que os outros pensam, apesar da resistência que o mundo coloca diante daqueles que se colocam do lado dos pobres.

Como no Evangelho, a Superiora geral é chamada a ser, ainda, outra serva na vinha de Deus, nosso Pai do céu, uma serva disposta a correr riscos para o bem do Reino de Deus. Ela é chamada a ser a serva que imita o servo dos servos, Jesus Cristo. Fazendo isto, ela deposita toda a sua confiança na pedra que os pedreiros rejeitaram e que se tornou a pedra angular. Jesus é o servo dos servos. Ele falou para aqueles que o escutaram de uma maneira profética. Ele usou uma linguagem que eles compreenderam, falando em parábolas, mas também falando a verdade.

Rezamos para que o Espírito Santo as ajudem a escolher a Superiora geral que será como Jesus, uma serva profética, falando de uma maneira simples, mas decisiva, sempre conduzindo pela verdade, intencionando buscar a verdade e proclamando a verdade pela vivência da mesma. Pedimos ao Senhor Jesus na Eucaristia que nós partilhamos quando nos reunimos ao redor da mesa do Senhor, mantendo em nossos corações aqueles que são pobres, a simplicidade necessária para votar na mulher que as conduzirá na oração, na solidariedade com os pobres, na empatia com seu drama, na disponibilidade para correr riscos e fará isso como uma profetisa serva e testemunha viva da verdade.

Padre Grégory GAY,
Superior geral

ELEIÇÕES

Eleição das Conselheiras gerais
e da Assistente geral

Circular de Mère Evelyne Franc
A todas as Filhas da Caridade
Paris, 9 e 11 de junho de 2009

Temos a alegria de anunciar-lhes que segunda-feira, 8 de junho de 2009, a Assembleia geral elegeu as Conselheiras gerais:

Irmã Kathleen APPLER	nacionalidade americana
Irmã Christa BAUER – reeleita	nacionalidade austríaca
Irmã Zofia DANISCAKOVA – reeleita	nacionalidade eslava
Irmã Madeline HARA	nacionalidade japonesa
Irmã Neghesti MICHAEL	nacionalidade eritreana
Irmã Rosa Maria MIRO MIRO – reeleita	nacionalidade espanhola
Irmã Rosa Maria NAPOLITANO	nacionalidade italiana
Irmã Françoise PETIT	nacionalidade francesa
Irmã Marlene Terezinha ROSA – reeleita	nacionalidade brasileira
Irmã Iliana SUAREZ PEREZ	nacionalidade cubana

No dia 11 de junho de 2009, a Assembleia geral elegeu:

Irmã Rosa Maria MIRO MIRO

Assistente geral da Companhia.

EM COMUNHÃO COM A IGREJA

À Reverendíssima Mère Evelyne FRANC
Superiora geral da Companhia
das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo

Secretaria de Estado

Gestão para os assuntos gerais
Nº 116.755

Do Vaticano, 16 de maio de 2009

Por ocasião da Assembleia geral
da Companhia das Filhas da Caridade
de São Vicente de Paulo,
o Papa Bento XVI dirige a todas as participantes
suas cordiais saudações e assegura-as de sua oração
fervorosa pelo bom desenvolvimento de seus trabalhos.

No momento em que a Companhia se prepara para celebrar o tricentésimo quinquagésimo aniversário da morte de São Vicente de Paulo e de Santa Luísa de Marillac, o tema escolhido para vossa Assembleia, *Profecia e esperança, agora e em toda parte*, é para cada uma das Filhas da Caridade, um convite premente a colocar-se corajosamente à escuta do Espírito Santo e a alargar o espaço de seu coração. Que o sopro profético que vos foi confiado por vossos fundadores, vos impulse a prosseguir com audácia e criatividade o serviço corporal e espiritual das pessoas mais desfavorecidas de vossas sociedades!

No contexto econômico e social difícil pelo qual passa o mundo, e que atinge de modo dramático os países mais pobres, o Papa vos exorta a permanecerem particularmente atentas a levar, nas comunidades fraternas, uma vida fundamentada na caridade, humildade e simplicidade, estas virtudes que vossos fundadores vos legaram e que permanecem bem atuais, para manifestar concretamente o amor do Senhor às pessoas que se encontram em grande dificuldade. Que toda vossa existência seja deste modo uma fonte vivificante de esperança e de paz para um mundo que tanto necessita delas!

Confiando todas vós à proteção materna da Virgem Maria, Mãe da Companhia, e à intercessão de São Vicente de Paulo e de Santa Luísa de Marillac, o Santo Padre dirige uma afetuosa Bênção Apostólica à Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, aos membros da Assembleia geral, bem como à todas as Filhas da Caridade e às pessoas que, através do mundo, elas servem com generosidade.

Cardeal Tarcisio Bertone
Secretário de Estado de Sua Santidade

EM COMUNHÃO COM A IGREJA

Visita do Cardeal Franc Rodé, C.M.

*Prefeito da Congregação
para os Institutos de Vida Consagrada
e as Sociedades de Vida Apostólica*

Homilia do Cardeal Franc Rodé
Casa Mãe, 25 de maio de 2009

*Na segunda-feira, 25 de maio de 2009, a Eucaristia foi celebrada pelo **Cardeal Franc Rodé**, c.m., Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. Em sua homilia, ele convida as Irmãs da Assembleia a ver e acolher com olhos novos as pobrezaas do mundo atual, a afrontar os seus desafios.*

Queridas Filhas da Caridade,

Para mim é uma alegria particular poder celebrar com vocês esta Eucaristia num clima de família, na ocasião de sua Assembleia geral, que as chama a “avaliar e promover a fidelidade ao carisma próprio e a vitalidade apostólica” de sua Companhia. Ela se propõe também, a definir as prioridades da missão que Deus lhes confiou para o bem da Igreja e do mundo, a fim de serem um fermento de “Profecia e Esperança, aqui e em toda parte” e “a dar-lhes os meios para crescer na santidade que fará de vocês pedras vivas no Templo que o Senhor está construindo no coração do mundo”.

Agradeço a cada uma das participantes e, em particular, a Superiora geral, Irmã Evelyne Franc. Em nome da Igreja e de toda a Companhia, agradeço-lhe por seu serviço de autoridade durante estes seis anos, tendo sido como diz São Vicente de Paulo “a alma que anima os membros de toda a Companhia”.

Vocês celebram vossa Assembleia geral no tempo de Pentecostes que Santa Luisa de Marillac chamava “o dia” por excelência, o dia no qual ela descobriu sua vocação e sua missão. É o tempo mais favorável, a fim de que o Espírito Santo “Fogo ardente do amor de Deus... Luz eterna...” seja o verdadeiro protagonista das escolhas que farão para os próximos anos e que Deus possa transformar o seu compromisso em “espaço e possibilidade de uma memorável gratuidade”.

Vocês, filhas de Santa Luisa, vocês são chamadas a comprometerem-se para que estes dias tão importantes para a Companhia, sejam um verdadeiro Pentecostes. No dia de Pentecostes, os discípulos estavam reunidos, perseverando na oração com Maria a Mãe de Jesus, Pedro e os Apóstolos. É aqui que começa, como uma explosão, o testemunho corajoso de fé em Jesus Cristo morto e ressuscitado, a coragem de anunciá-Lo a todos. A linguagem do Espírito ultrapassa todas as fronteiras de língua, de raça, de idade e de classe social para formar uma só família. Neste tempo de globalização, precisamos da unidade de Pentecostes para serrar as fileiras e reforçar nossa adesão aos ideais da oração, da austeridade, da pobreza, da fraternidade e do serviço a Igreja. “Assim, nós não devemos ser senão um corpo em muitas pessoas, unidas todas com um mesmo desígnio, por amor Deus”.

Com as palavras de Santa Luisa, pedimos ao Senhor que “disponha nossas almas para receber o Espírito Santo e que assim, inflamadas no fogo do seu amor, sejam consumadas na

perfeição desse amor que lhes fará amar a santíssima vontade Deus”. Há diversas categorias de espiritualidade. A das Filhas da Caridade é uma espiritualidade encarnada, uma espiritualidade de serviço... “Doadas a Deus para o serviço dos pobres” como afirmam suas Constituições, retomando uma expressão de São Vicente. Não é um refúgio na esfera do espírito, mas uma espiritualidade que encontra sua marca original de vida segundo o Espírito e de enraizamento na vida de todo dia, com suas dificuldades e suas tensões, seus elãs e asperezas.

Uma verdadeira e honesta reflexão sobre a profecia e a esperança não pode partir senão do nosso ser que crê e, para vocês, Filhas da Caridade, servas dos pobres, do exemplo de São Vicente de Paulo e de Santa Luisa de Marillac. As mudanças rápidas que caracterizam o mundo no qual nós vivemos e suas repercussões sobre a concepção da pessoa e de sua dimensão religiosa exigem uma nova tomada de consciência de nossas comunidades. No sentimento de mal-estar ressentido por muitos homens e mulheres, se manifesta claramente a exigência, para as Filhas da Caridade, de afrontar os desafios do mundo atual. O desafio do mundo laico que tende a relegar a fé ao privado; a tentação de confinar o cristianismo no plano de uma cultura secularizada, “uma concepção de mundo segundo a qual este último se explica por si mesmo sem que ele tenha necessidade de recorrer a Deus”; o encontro com fiéis de outras religiões; a dificuldade de comunicar-se com pessoas aparentemente indiferentes a toda dimensão profunda, fechadas nos horizontes puramente terrestres; a sensação, que muitas pessoas têm, do “mal-estar existencial”; o desafio da grande pobreza que conduz ao desânimo e à depressão; a tragédia dos migrantes e refugiados; a dificuldade de viver num mundo desorientado e fragmentado. O desafio da própria vida, síntese e origem de todos os outros. A intensidade e a amplitude das ansiedades e das aspirações, das buscas e dos ideais, das decepções e amarguras, pesam de uma maneira ou de outra sobre a existência e expõem os homens e as mulheres de hoje à insegurança, ao relativismo, à fragilidade.

Estas questões novas e complexas requerem uma conversão no sentido de uma abertura, com a coragem de elaborar um novo perfil da Filha da Caridade para este tempo. Não é suficiente a fé, quão generosa ela seja, nem uma caridade heróica, é preciso uma audácia profética, pronta a abandonar-se ao sôpro do Espírito, e a empreender novos caminhos. E eu presumo que eles serão certamente aqueles que São Vicente lhes traçou na origem da Companhia, adaptados às condições atuais.

É uma exigência que desnuda nossas fraquezas: a falta de fé, a dificuldade de nossas comunidades em serem casas de acolhida; o isolamento espiritual que não permite compreender os dramas da solidão, da desordem moral e do pecado.

A dificuldade de compreender o mundo que muda e o seu enfrentamento provocaram em muitos religiosos e religiosas frustrações, com um sentimento de ineficácia e de inutilidade; de cansaço, conseqüência de uma generosidade ansiosa e pusilânime; o fechamento sobre si mesmo, comunidades concentradas em seus próprios projetos e iniciativas; a busca exagerada de si, causando dano ao sentido de pertença; o refúgio e o isolamento no uso irresponsável e incontrolado dos meios de comunicação social.

Em tempos difíceis como o nosso é preciso ir ao essencial, penetrar nas profundezas. É tempo de uma oração mais ardente, a fim de que o Espírito Santo desça sobre nós para que nós também, falemos as línguas dos homens e das mulheres de hoje e que profetizemos, como escutamos na primeira leitura dos Atos dos Apóstolos. Estes são tempos em que, deve ressoar com mais força nos corações, a palavra do Senhor Jesus; a única que pode dar força e credibilidade a nossa existência: “Tende coragem, eu venci o mundo”.

“A Regra das Filhas da Caridade é Cristo. Adorador do Pai, Servo do seu desígnio de Amor, Evangelizador dos Pobres”. Ele é o essencial, ele no seu mistério pascal, no qual é preciso submergir para amar com um coração livre numa entrega total. Assim, renovaremos nossa vontade de amar os pobres “nossos Senhores e nossos Mestres”. Com o olhar fixo n’Ele, aprendemos a olhar a humanidade como Ele. Vivendo como Ele, pobres, castos, obedientes, nós retomamos cada dia o caminho, confortados por sua misericórdia e difundimos no mundo a esperança que nasce da certeza de sermos amados e de ter a promessa da eterna bem-aventurança.

“O fim principal para o qual Deus chamou e reuniu as Filhas da Caridade é para honrar Nosso Senhor Jesus Cristo como fonte e modelo de toda caridade”. Unidas a Ele, testemunhando a verdade que elas acreditam, as Filhas da Caridade serão capazes de dialogar com todos, exprimindo sua fé no amor pelos pobres. Viver como Filhas da Caridade é viver como Filhas de Deus: o mesmo amor total que não faz acepção de pessoas, que prefere os mais pobres entre os pobres; um amor que se traduz em palavra confiante, em gesto de misericórdia, em atitude de atenção e de gratuidade, em partilha da inquietude e da procura do sentido e da liberdade espiritual; o amor que prefigura a vida definitiva além da morte.

É o amor que confere o olhar profético e a esperança. O olhar amoroso do profeta, capaz de ver o que os outros não vêem; a liberdade do coração para se entregar cada dia à realização deste desígnio, “com um espírito evangélico de humildade, de simplicidade e de caridade”. Na Oração eucarística pelas circunstâncias particulares, nós rezamos para que o Senhor “abra nossos olhos a todas as misérias”. Esta oração sugere que o problema principal não são as novas pobreza, mas “os olhos novos” que nos faltam. Muitas pobreza provêm precisamente desta falta de olhos novos, de olhos proféticos que saibam ver. Que pena, nossos olhos são freqüentemente míopes, pesados pelo egoísmo.

A profecia da Filha da Caridade deve ser aquela da santidade, caminho percorrido por tantas Filhas da Caridade, o caminho daquelas que vivem o mistério de Deus, com o olhar fixo sobre Ele. Conhecer e amar Deus não é simplesmente admirar sua Onipotência, sua Sabedoria, sua Justiça, mas se sentir chamado por Cristo à partilha do Amor. “Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus, mas que seja com a força dos nossos braços, que seja com o suor de nossos rostos”.

O “Santo” é aquele que se abre plenamente a este amor e que se torna mensageiro para os outros. Relançar a santidade vicentina significa antes de tudo cultivar a amizade com Deus. É por isso que o encontro cotidiano com o Cristo é, de fato, o alfa e o ômega da caridade.

Uma Companhia que seja “Profecia e esperança agora e em toda parte” é a chave para entrar em comunicação com todos os homens e mulheres deste tempo: é aquela do amor, com suas variadas faces: a acolhida, a escuta, a compaixão, a misericórdia, o consolo. Aquele que se sente amado está livre de seu isolamento, ele recupera a confiança em si mesmo e encontra um sentido para sua vida. Ele pode acreditar que existe uma vida após a morte, se desde hoje ele encontra sinais desta vida pela presença, no seu caminho, de uma serva dos pobres.

São Vicente, Santa Luisa, Margarida Naseau, Barbara Angiboust, Catarina Labouré, Elisabeth Ann Seton, Rosalie Rendu, as Irmãs martirizadas na França, na Espanha, na China e em outros lugares, Giuseppina Nicoli, Lindalva de Oliveira, Martha Anna Wiecka, as “boas e verdadeiras” Filhas da Caridade já no céu intercedam por todas vocês e por toda a Companhia durante este tempo de graça. Que as Filhas da Caridade possam renovar dia após dia sua oferta

ao Senhor “de tudo o que são e de seu serviço na pessoa dos pobres”. Caritas Christi urget nos, agora e em toda parte!

Cardeal Franc RODÉ, cm
*Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada
e as Sociedades de Vida Apostólica*

EM COMUNHÃO COM A IGREJA

Visita de Monsenhor Gabor Pinter

Representante de Monsenhor Baldelli,
Núncio Apostólico em França

Homilia de Monsenhor Gabor Pinter
Casa Mãe, 28 de maio de 2009

Queridos irmãos e irmãs,

“*Que todos sejam um*”, tal é o apelo urgente que Jesus dirige ao seu Pai no final do capítulo 17 de São João proposto para a nossa meditação no Evangelho deste dia. A mensagem deste Evangelho é dirigida diretamente a esta Assembleia das Filhas da Caridade. Eu não poderia encontrar um texto melhor para hoje.

O voto de Jesus, em relação a unidade de seus discípulos está ligado ao seu exemplo de unidade em Deus pela partícula “como” que, em grego, pode indicar uma comparação ou uma fecundação (criação): “*Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós...para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim*”. Temos aqui o segundo caso de imagem: Jesus quer nos mostrar que a unidade não é primeiramente o resultado do esforço humano, mas que a unidade tem sua fonte e fundamento na unidade do próprio Deus. Não há uma possível unidade entre os homens se não estiver em referência à unidade do “nós” de Deus. Unidade não significa uniformidade, pois, o Pai e o Filho são dois e um ao mesmo tempo. Portanto, Deus não busca unificar os seres entre si, e naturalmente não busca também unificar as Filhas da Caridade. Ele deseja que vivam em comunhão. A uniformização é um sinônimo de morte. A comunhão é vida. O amor que tem sua origem no amor do próprio Cristo, que é também o amor do Pai e quem gera o amor conjunto do Pai e do Filho é o Espírito Santo. A oração dirigida por Jesus ao seu Pai para a unidade de seus discípulos é, pois, um apelo ao Espírito Santo.

Neste tempo de preparação para a festa de Pentecostes e durante a Assembleia geral da Companhia das Filhas da Caridade, compreendemos então o lugar de um tal Evangelho hoje. “Que sua unidade seja perfeita!”. Trata-se de qual unidade? Quando falamos de unidade, isto não significa uniformidade e então, é preciso aceitar a diversidade, as diferenças. Uma unidade apesar de nossas diferenças, ou melhor dizendo que se enriquece de nossas diferenças. Em um de seus livros, Jean Sullivan escreveu parábolas: “A verdade, diz ele, é como uma imensa vidraça caída na terra, quebrada em mil pedaços de vidro de todas as cores. Olhem os pedaços e as pessoas que se precipitam e pegam um fragmento de vidro, que o mostra dizendo: “Eu detenho a verdade”. De fato, seria necessário juntar todos os fragmentos, uni-los com o

cimento da amizade e então, a vidraça faria cantar a luz”. Esta é a unidade autêntica querida por Jesus. Não caminhar ao passo, mas caminhar juntos apesar de nossas diferenças.

Uma comunidade cristã, como uma congregação religiosa, deve aceitar nela a confrontação, o diálogo, o debate: isto é dar o rosto da verdadeira unidade. Quando deseja-se ir ao essencial de um discurso, concentra-se em sua conclusão. Outra passagem do Evangelho de hoje termina por estas palavras: “*Manifestei-lhes o teu nome, e ainda hei de lho manifestar, para que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles*”. Fazendo seus discípulos conhecerem o nome de seu Pai, Jesus manifesta que Pai é o nome que expressa profundamente o ser de Deus. Mas um Pai não pode subsistir sem o filho e os dois não podem subsistir sem uma relação de amor que os une, a qual no tempo de Deus não é outra senão o Espírito Santo. Embora isto não seja explícito é, pois, o Espírito Santo, Espírito de amor que o Filho, na véspera de sua Paixão, pede ao Pai para seus discípulos e para todos acreditem n’Ele. Jesus pede ao seu Pai que todos os seus discípulos, e todos aqueles que, no decorrer do tempo, seguirão seus passos juntos, sejam reunidos numa comunhão viva.

No capítulo 11 de seu Evangelho, São João já nos havia falado que Jesus ia morrer pela nação e, não só para a nação, mas ainda afim de reunir os filhos de Deus dispersados. Em outras palavras, o sacrifício de Jesus na Cruz é a fonte da unidade dos Filhos de Deus. Para São João, além disso, já é do topo da Cruz que Jesus sopra o Espírito Santo sobre a Igreja e concede-lhe o dom da unidade. Portanto, a dura realidade está bem aí. Nossas divisões interiores e exteriores nos acorrentem e nos aflijam. Elas contradizem abertamente a vontade do Cristo de reunir os filhos do Pai dispersos. Entre cristãos, isto é, entre discípulos, estas divisões são mesmo um escândalo para o mundo. Como permaneceremos divididos se, pelo batismo, nós fomos mergulhados na morte e ressurreição do Senhor? Aqui mesmo pela qual Ele destruiu as barreiras do ódio e da discórdia. Aqui é que não podemos esquecer que nossa comunhão é antes de tudo um dom a receber de Deus. Mas Deus não age sem nós. Ele dá algo, mas não sem nós. Nesta oração que Ele dirige ao Pai, na véspera de sua Paixão, Jesus nos revela a maneira mais eloquente de ultrapassar e superar as barreiras da divisão: o dom total de nós mesmos em nome do Evangelho.

“Senhor Espírito Santo, introduz-nos na comunhão do Pai e do Filho, torna-nos participantes da glória divina, transforme-nos e ilumine-nos; poderemos então levar ao mundo este testemunho de paz e de unidade que ele tanto necessita”. Amém

Monsenhor Gabor PINTER

Representante do Núncio apostólico em França

EM COMUNHÃO COM A IGREJA

Visita do Cardeal André Vingt Trois
Arcebispo de Paris

Casa Mãe, 9 de junho de 2009

Apresentando as boas-vindas ao Cardeal, Irmã Marie-Bernard Giffard, Conselheira geral, apresenta-lhe os 185 membros da Assembleia representando mais de 90 países e os motivos de sua presença na rua do Bac, perto da Capela da Medalha Milagrosa, em seguida, acrescenta: “*Todas sabemos que o senhor é o Arcebispo de Paris e Presidente da Conferência*

dos Bispos de França. Permita-me, porém, apresentá-lo um pouco mais visto que crescer em conhecimento permite sempre uma maior comunhão. Ao invés de evocar suas diversas atividades que são numerosas, deterei minha atenção sobre vários temas favoritos que o senhor desenvolve com vigor em suas homilias, cartas e conferências e que gostaria de citar alguns: a defesa e a promoção da cultura da vida, e os problemas éticos que a eles se relacionam, como: a defesa da família como meio de transmissão da fé (além disso, o senhor é membro do Conselho Pontifício para a família) e a caridade ativa, visível, necessária em nosso tempo (que o senhor tem promovido com o Festival da Caridade em Paris). Agradecemos-lhe por ser esta voz que recorda a tempo e a contra-tempo estes valores, voz que estimula e impulsiona a avançar com a audácia do testemunho. No contexto desta 8ª Assembleia geral, ...nós também, abordamos alguns destes temas: a cultura da vida, a família, a evangelização, a defesa e o respeito aos mais necessitados, o trabalho em favor deles, etc. Tudo isto em fidelidade ao carisma legado por nossos Fundadores”.

O Cardeal, por sua vez, também expressou sua alegria em encontrar-se com os Membros da Assembleia. Recordou todas as Irmãs que em Paris tem dado um testemunho maravilhoso de proximidade aos pobres, citando particularmente Irmã Catarina Labouré e Irmã Rosalie Rendu. Ele evoca também todas as que estão a serviço dos mais pobres em sua diocese de Paris e convida a dar graças ao Senhor por tudo o que Ele tem feito através da Companhia e por tudo o que continua fazendo através da vida de cada uma nos diferentes países.

Durante sua homilia na Eucaristia concelebrada com os Padres Grégory Gay e Javier Alvarez, o Cardeal Vingt Trois disse:

“Temos a graça de ouvir e meditar esta semana o Sermão da Montanha. Escutamos as Bem-aventuranças e agora, entramos no desenvolvimento deste sermão com uma palavra de Cristo que é, ao mesmo tempo, uma profecia e uma esperança. Porque, no momento em que Ele disse a seus discípulos reunidos “*Vós sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo*”, eles não são ainda nem o sal da terra, nem a luz do mundo. Eles são ainda aprendizes. Discípulos principiantes, eles vão aprender escutando e seguindo a Cristo, a ser discípulos e pouco a pouco se tornarão o sal da terra e a luz do mundo. De maneira que não devemos receber estas palavras de Jesus aplicando-as a nós, depois de dirigi-las aos seus discípulos, como um julgamento e uma condenação por nossas fraquezas, nossas tibiezas, ligeirezas, nossas sombras e, contudo, por mais fracos e sombrios que sejamos, Cristo nos diz: “*Vós sois o sal da terra, vós sois a luz do mundo*”. Esta profecia é uma esperança porque nos indica o caminho pelo qual Cristo nos convida a seguir seu exemplo, ao mesmo tempo, nos indica a missão que Ele vai confiar aos seus apóstolos. Não ser simplesmente aqueles que o escutam com atenção, mas tornar-se um sinal no meio dos homens, no meio das nações. Ele não só os convida a estar com Ele, mas os convida a se tornarem suas testemunhas. Ao longo de nossa vida, aprendemos a seguir a Cristo, a ser o sal da terra; aprendemos a ser a luz do mundo e, às vezes, quando não imaginamos, descobrimos que somos o sal da terra e a luz do mundo porque, o que nos transforma, o que faz de nós o sal da terra e a luz do mundo é a vida de Cristo que age em nós por seu Espírito. E é Ele quem nos ajuda, nos transforma, nos permite dar sabor à vida humana e ser uma luz entre os homens. A exemplo de Cristo, somos convidados a crescer para nos tornar plenamente o que Deus espera de nós. Todas sabem melhor do que eu como São Vicente identificou quem eram nossos verdadeiros mestres, aqueles que nos indicam o caminho a seguir, aqueles com os quais descobrimos o que significa ser discípulo, sal da terra e luz do mundo. São os pobres que abrem nossa vida, são os pobres que abrem os nossos corações, são os pobres que abrem nossas mãos, eles nos impulsionam a acolher o amor de Deus que ultrapassa nossas forças, eles nos impulsionam a nos deixar levar pelo amor de Deus, para colocar-nos a seu serviço e, pondo-nos ao seu serviço, ser verdadeiramente luz do mundo. Esta escola de serviço aos pobres em nossa

vida, apóia-se numa disponibilidade plena e total. Como disse o apóstolo Paulo em sua epístola aos Coríntios: “O Cristo Jesus que nós lhes anunciamos não é, ao mesmo tempo, sim e não, Ele foi sempre sim”. Cristo sempre foi adesão à vontade do Pai (Minha comida é fazer a vontade de meu Pai), sempre foi o Filho, Servo obediente ao Pai. E seguir Cristo, dar nossa vida para viver com Ele no serviço dos pobres, é entrar no sim de Cristo. Também, diz-nos São Paulo, é por Cristo por quem nós dizemos “Amém”, nosso sim para a glória de Deus.

Algumas vezes, podíamos apresentar a obediência à qual somos chamados, como um tipo de disciplina: era necessário aceitar e praticar, mais por mortificação do que por significação. O caminho pelo qual Cristo nos convida a seguir não é este. Ele nos convida ao dom generoso de toda a nossa pessoa num sim de amor que não é a ferida do que somos, mas a realização do que nós somos. “A linguagem com a qual lhes falamos não é, ao mesmo tempo, sim e não”. Cristo não foi sim e não. Não somos sim e não. Por Cristo dizemos: sim para a glória de Deus e este sim é o fundamento de nossa felicidade e de nossa alegria.

Demos graças ao Senhor que nos fez descobrir o caminho pelo qual podemos responder seu chamado. Demos graças ao Senhor pela esperança que Ele põe em nossos corações, chamando-nos a ser o sal da terra e a luz do mundo. Demos graças ao Senhor porque Ele põe em nossos lábios o amém da fé, o sim do amor. Amém”.

Depois da Eucaristia, um curto intercâmbio espontâneo permitiu fazer perguntas a Dom Vingt Trois. À pergunta feita referente à sua participação no Conselho Pontifício da Família, ele responde:

“Temos através mundo, formas, costumes e culturas diferentes em relação à família. Isso significa que a família que vive na África, ou a família que vive na Ásia ou na América do Sul ou do Norte ou na Europa, não é precisamente a mesma coisa. Mas, há algo que é comum entre todas estas formas diferentes de viver em família e das quais temos experiência na Europa, e que podemos assinalar em outras culturas: quando a família se desagrega, quando os laços da família se dissolverem, é a sociedade que se dissolve. Isto significa que as diferenças entre os nossos modos de viver em família positivamente não têm grande importância, mas o que é importante é ver que, quando se renuncia a unidade familiar, qualquer que seja o lugar de onde se parte, o resultado é o mesmo: é a sociedade que se desfaz. Esta desintegração da sociedade não tem o mesmo aspecto aqui que em outros países, mas o resultado é o mesmo. Isto significa que, lá onde não há mais solidariedade familiar, lá onde não união familiar, não há transmissão entre as gerações, não há segurança afetiva, não há mais educação. E nos encontramos com jovens mais ou menos adultos, que voltaram a um estado pré-cultural, antes da cultura. Voltaram a um estado bárbaro e não social. Então, os desafios são muito importantes e nosso trabalho como cristãos nesta sociedade, é mostrar que é possível viver uma vida familiar, que a fidelidade é possível, que a solidariedade entre as gerações é possível, que a vida em família é uma oportunidade e uma fonte de força, de forma que ao menos aqueles que queiram ver, compreendam que há um meio de viver de outra maneira.

O segundo ponto importante (falo como europeu ou francês) é que nós herdamos dos séculos passados uma espécie de molde familiar que descansava em três elementos principais:

- o primeiro elemento era um elemento econômico: a estrutura agrícola da sociedade, a estrutura rural, o povoado;
- o segundo elemento era a união única do homem e a mulher
- o terceiro elemento era a fé cristã.

Destes três elementos, não resta nenhum. Não estamos mais numa sociedade agrícola, as pessoas não moram mais num povoado; a união do homem e da mulher não é mais vivida

como uma experiência única, e a fé cristã se tornou minoritária, pelo menos nas mentes e nos corações.

Então, não devemos nos surpreender se as famílias se rompem, porque a mudança da vida rural à vida urbana, a transformação das relações do homem e da mulher em serie de matrimônios e a perda da referência de Deus, não podem produzir outra coisa. O que é extraordinário, é que há casais que resistem. Então, em vez de lamentarmos pelos que não resistem, temos que admirar aqueles que se mantêm animá-los, encorajá-los e apoiar-nos neles.

Na véspera de Pentecostes, eu confirmei quase 300 adultos na catedral Notre Dame. Li as cartas que eles me escreveram. Mais da metade destes 300 adultos eram jovens de 25-35 anos que se prepararam para a confirmação a fim de realizarem seu matrimônio. O que eles dizem de sua vida em tais momentos, é algo muito bonito. Creio que são sinceros e penso que, desejam verdadeiramente, levar adiante sua vida de família. Acho extraordinário que, em nosso contexto, haja tantos jovens (de 30-35 anos) que decidam casar-se e comprometer-se entre eles e que fazem isto no contexto que é o nosso, sabendo que não será fácil. Devemos rezar por eles, animá-los.

Vejo também, às vezes, no momento do chamado decisivo para o batismo (é parecido, há uns 350); quando vejo uma mulher gestante ou que carrega um bebê em seus braços, pergunto-lhe: “É seu *primeiro bebê?*” Vejo que seu rosto se ilumina porque ninguém ousa falar com ela de seu bebê. Frequentemente, com mulheres emigrantes da África digo-lhes: “tu tens pai?” elas respondem: “*não*”. “*Tu vais encontrá-lo?*” “*Eu espero*”. Mas para ela, é algo extraordinário que eu me interesse por sua gestação ou pelo bebê que ela carrega em seus braços e que o diga: “*é teu bebê? Ele é lindo!*” É assim que podemos animar, apoiar, valorizar a vida familiar; e não só lamentar porque é difícil.

Muito obrigado por seu acolhimento, com meus melhores desejos para o final de sua Assembleia geral. Feliz regresso aos seus diferentes países. Sem duvida terão muito para partilhar quando chegarem; Não sei como o farão, mas certamente levarão consigo um pouco da beleza de Paris para partilhá-la também ao retornarem, porque Paris é uma bonita cidade e uma bela Igreja.

Cardeal André VINGT TROIS
Arcebispo de Paris

Conferencistas

PADRE RANIERO CANTALAMESSA, OFMCP

Profecia e esperança,
Fundamentos bíblicos

Casa Mãe, 20 de maio de 2009

Notas tomadas durante a conferência do Padre Raniero Cantalamessa

Como introdução, eu vou ler um texto de Paulo VI e nele encontrarão a origem de algumas expressões: “*Frequentemente nós nos perguntamos... qual é a primeira e a última necessidade para nossa querida e bendita Igreja?... Devemos dizê-la, quase aflitos e rezando, porque é o seu mistério e sua vida. Todas o sabem, o Espírito, o Espírito Santo, animador e santificador da Igreja, seu sôpro divino, o vento das suas velas, seu princípio unificador, seu manancial interior de luz e força, seu apoio e seu consolo, sua fonte de carismas e de cantos, sua paz e sua alegria, sua provação e prelúdio*

de vida bem-aventurada e eterna. A Igreja precisa de seu perpétuo Pentecostes; ela precisa de fogo no coração, de palavra nos lábios, de profecia no olhar. A Igreja precisa recuperar o entusiasmo, o prazer, a certeza de sua verdade”.

Agora, escutem o mesmo texto com uma pequena variante: “Frequentemente nós nos perguntamos, qual é a primeira e a última necessidade para nossa querida e bendita Companhia das Filhas da Caridade?... A Companhia precisa de seu perpétuo Pentecostes; ela precisa de fogo no coração, de palavra nos lábios, de profecia no olhar. A Igreja precisa recuperar o entusiasmo de suas origens, o prazer, a certeza de sua utilidade para a Igreja”.

Trata-se de voltar à fonte da esperança e da profecia que é o Espírito Santo. Vindo aqui, uma imagem me veio à mente: alguém vai ao restaurante, logo, ao receber os menus, estuda-os, olhando atentamente até mesmo a etimologia de cada palavra e a maneira como o menu é apresentado, em seguida, vai embora sem pedir e nem comer nada. E vocês, querem o menu ou a refeição? Porque se quiserem o menu, dou-lhes uma conferência sobre o Espírito Santo, a origem, sua relação, seus frutos. Mas se precisam de comida e desejam experimentar a refeição, isto supõe colocar-se em disposição de viver um novo Pentecostes. Ainda muito mais que nós estamos bem perto da festa de Pentecostes e este tempo litúrgico é um tempo privilegiado para fazer esta experiência. É disto que vocês precisam neste momento de sua Assembleia geral. Viver uma Assembleia geral, eleger os Superiores, discernir o caminho da Companhia são ocasiões onde necessita-se particularmente da ajuda do Espírito Santo afim de fazer tudo no Espírito Santo.

Vejamos outro texto escrito por um Bispo Ortodoxo por ocasião de um grande encontro ecumênico: “Sem o Espírito Santo, Cristo está longe, Deus permanece no passado, o Evangelho é uma letra morta, a Igreja é uma simples organização, a autoridade é uma dominação, a missão é uma propaganda, o culto é uma evocação, o agir cristão uma moral de escravo. Mas, com o Espírito Santo, o cosmos aspira pelo nascimento do Reino e Cristo ressuscitado está ali, o Evangelho é um poder de vida, a Igreja é uma comunhão trinitária, a autoridade é um serviço liberador, a missão é um Pentecostes, a liturgia um memorial e uma antecipação, o agir humano é divinizado”.

Para refazer hoje esta experiência, o melhor meio é reler juntos o relato de Pentecostes (Atos 2). Com efeito, esta página da Escritura tem algo particular que se assemelha ao que acontece na Eucaristia. Na Missa, a Igreja faz apenas repetir o relato da instituição da Eucaristia. É um relato histórico: *“Ele tomou o pão, partiu-o e o deu aos seus discípulos”*. É o que aconteceu uma vez. Mas nós sabemos que, quando este relato é repetido por um Padre ordenado diante de uma assembleia de cristãos, o milagre acontece. O que aconteceu naquela noite se renova, isto é, o pão se torna o Corpo do Cristo. Algo semelhante, não idêntico porque não é um sacramento, vive-se de novo quando nós escutamos o relato de Pentecostes.

Releiamos este relato de Pentecostes: a primeira parte apresenta particularmente o tema da profecia, o segundo o da esperança.

“Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo”.

Quando Deus faz algo muito importante, há sinais: sinais preparatórios que têm por objetivo despertar a atenção das pessoas.

- O sinal do barulho, como um vento violento, não é de fato o de um vento. A língua hebraica ou grega, como a da Igreja, utiliza a mesma palavra para designar o vento ou o Espírito Santo. Por isso, na Bíblia, o vento está associado ao Espírito. O próprio Cristo havia comparado o Espírito com o vento. Os apóstolos começam a entrar neste clima tão especial que precede esta teofania, como um silêncio que as criaturas fazem na espera de algo sobrenatural.

- Logo há um sinal para os olhos: eles vêem línguas de fogo. Novamente, este sinal é muito eloqüente. Para João Batista, o fogo estava associado ao Espírito Santo: *“Eis aquele que vos batizará com o Espírito Santo e o fogo”*.

Depois destes sinais preparatórios, a realidade, a substância de Pentecostes é escrita em menos de uma linha. Na história da salvação, as coisas mais importantes são ditas com palavras mais simples: *“Todos ficaram cheios do Espírito Santo”*.

Aqui, é necessário parar para que estas palavras penetrem em nós. A partir daquele momento, os Apóstolos mudam e se tornam homens novos. Para compreender bem esta frase: *“Eles ficaram cheios do Espírito Santo”*, é necessário perguntar-se: o que é o Espírito Santo? Tanto como podemos dizê-lo, o Espírito Santo é o amor personificado, o amor entre o Pai e o Filho, esta chama que podemos também chamar a vida da Trindade, a doçura da Trindade... mas o amor é o que descreve melhor o sentido do Espírito Santo. É o amor de Deus. Portanto, dizer que eles ficaram *“todos cheios do Espírito Santo”* significa que todos eles ficaram cheios do amor de Deus. Eles fizeram uma experiência indescritível de sentirem-se amados por Deus. Foi como se o oceano da vida Trinitária tivesse rompido as barreiras e tivesse se estendido sobre os apóstolos batizando-os, realizando o que Cristo tinha dito alguns dias antes: *“vocês serão batizados no Espírito dentro de poucos de dias”*. Desde as origens da Igreja, o batismo era praticado por imersão e não só por algumas gotas de água na fronte.

A realidade do Espírito Santo é o que nós chamamos a caridade infusa: é uma experiência concreta que mudou os apóstolos em homens novos, transformou-os quando ainda eram tímidos, temerosos, se disputando entre eles. É o que diz São Paulo em sua Carta aos Romanos no capítulo 5, versículo 5: ele apresenta o Pentecostes como o amor de Deus derramado nos corações por meio do Espírito Santo. É uma descrição do Pentecostes, não no estilo narrativo, mas no estilo declarativo. O Pentecostes é o amor de Deus que se derrama nos corações: O amor de Deus no sentido do amor que Deus tem por nós e não nosso amor por Deus porque este vem depois! Assim, vemos que Pentecostes não é um apêndice como se dizia frequentemente em nossos estudos teológicos antes do Concílio. Antes, pensávamos que o Espírito Santo era uma força suplementaria dada à Igreja para torná-la capaz de levar a mensagem da Boa Nova até as extremidades da terra, uma força suplementaria para realizar sua tarefa. Não, é muito mais, é o próprio princípio da salvação: o Espírito Santo é a salvação. Na Cruz, Cristo realizou a nova e eterna Aliança e tudo se cumpriu; mas esta Redenção, realizada por Cristo, estava limitada no espaço e no tempo. Aquele que torna disponível a Redenção universal em cada época, lugar e em cada pessoa, é o Espírito Santo, o Espírito de Cristo. A encarnação, o mistério pascal e o Pentecostes são as 3 colunas, os 3 fundamentos do mistério cristão: cada coluna tem a mesma importância que a outra.

Esta interpretação de Pentecostes como o amor de Deus partilhado a todas as criaturas, é confirmado pela experiência dos cristãos de hoje. Toda vez que as pessoas (e há milhares na Igreja católica e em outras Igrejas) fazem a experiência de Pentecostes, elas testemunham que a recordação mais viva que têm deste momento, é de ter experimentado o amor de Deus, sua ternura por elas. Pentecostes é, pois, a realização do projeto divino vindo no mundo precisamente para partilhar seu amor, sua beatitude, sua vida com as criaturas. O pecado tinha

bloqueado este projeto, Cristo, tendo destruído o pecado, permitiu ao Espírito de Deus derramar-se na terra. Todo o resto permanece: nossa capacidade de amar Deus e o próximo é como o eco deste amor que nós recebemos. Nós, criaturas humanas, somos muito mais inclinadas a ser ativas do que passivas; pois, damos muito mais importância ao nosso amor por Deus (basta ver na história da Igreja todos os escritos de nosso amor por Deus que insistem em nosso dever de amar Deus), mas é necessário voltar à fonte, ao fundamento, à coisa mais importante: é que Deus nos ama, o resto vem depois. *“Nisto consiste o amor, não fomos nós que amamos a Deus, foi Deus quem nos amou primeiro”*.

Agora, vejamos um outro aspecto deste acontecimento que nos interessa particularmente nesta oportunidade da Assembleia geral. Voltemos ao texto dos Atos dos Apóstolos: *“tendo chegado o dia de Pentecostes...”* isto significa que a festa de Pentecostes já existia. Nós, cristãos, associamos o Pentecostes à vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos, mas é interessante notar que a vinda do Espírito Santo sobre a Igreja acontece precisamente no dia da festa de Pentecostes judaica. Trata-se então de conhecer o conteúdo desta festa judaica. Da mesma maneira, não se compreende a Páscoa cristã se não temos como pano de fundo a Páscoa judaica, como a realização da Páscoa judaica; assim, não se compreende o Pentecostes sem vê-lo como a realização do que se esperava na festa de Pentecostes judaica. Ora, nos primeiros tempos mais antigos, esta festa judaica estava ligada aos ciclos naturais das estações, era a festa das primícias que se oferecia a Deus por ocasião da colheita. Mas avançando na história, esta festa tinha adquirido um novo conteúdo, não mais ligado ao ciclo natural, mas ligado à história. Ela comemorava o acontecimento do Sinai, isto é, o dom da Lei e o estabelecimento da Aliança com Deus que fazia de Israel o Povo eleito e a Nação Santa. Era, pois, o acontecimento constitutivo do Povo eleito. Em seu modo de descrever o Pentecostes, não há dúvida que Lucas quer estabelecer uma relação entre o que acontece agora e o que se passou no Sinai. Ele usa os mesmos sinais do vento e do fogo; a liturgia sempre viu no relato de Pentecostes uma alusão ao Sinai. E, com efeito, a liturgia da véspera de Pentecostes inclui a leitura do Êxodo capítulo 19. Poderíamos nos perguntar qual é a relação que existe entre Êxodo 19 e o Pentecostes. Santo Agostinho se fez a mesma pergunta: *“há uma relação entre Êxodo 19 e Pentecostes?”*, e deu uma resposta clássica: *“O Espírito Santo vem sobre os apóstolos precisamente no dia em que se comemora o dom da Lei e da Aliança para significar que o Espírito Santo é a Nova Lei e a alma da Nova Aliança”*. Ele acrescenta: *“Olhem a analogia e a diferença. 50 dias depois da imolação do cordeiro no Egito, eis que o dedo de Deus, o Espírito Santo, escreve a Lei em tábuas de pedra; e 50 dias depois da imolação do verdadeiro Cordeiro de Deus, o Cristo, eis o dedo de Deus, o Espírito Santo, escreve novamente a Lei, mas não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne: os corações. Espírito Santo é, pois, a Lei Interior, a Lei do Espírito”*.

Que consequências podemos tirar deste fato? O cristianismo tem uma Lei Nova, Interior: Espírito Santo age através do amor. Isto é uma revolução, mas infelizmente esta revolução não tem sido completamente colocada em destaque.

Qual é, pois, a diferença entre a Lei antiga, os Mandamentos, o Decálogo, as leis do Evangelho, da Igreja, das regras monásticas, de suas Constituições, todo tipo de leis positivas estabelecidas... e a Lei Interior que age através do amor recebido?

- São Paulo insistiu dizendo que a lei positiva diz o que se deve fazer, mas não dá a força de fazê-lo. Ela põe à luz o pecado, a transgressão do pecado, mas não pode impedir o pecado, não pode dar a vida porque esta atua nos corações. Ao contrário, a Lei Interior dá a vida.

- Outra diferença: a lei positiva impulsiona a agir por causa da ameaça do castigo ou da sanção. Por exemplo, se vocês não observar tal ou tal artigo das Constituições, vocês serão repreendidas. A Lei Interior, cria o desejo de agir por atração e não pela força. O cristianismo, como a vida religiosa, é feita para ser vivido espontaneamente por atração, isto é, por amor e não por espírito de medo. O cristianismo é a religião da graça. É a grande diferença com qualquer outra religião que começa dizendo às pessoas o que elas devem fazer. Ao contrário, o cristianismo começa dizendo às pessoas o que Deus fez por elas.

Vêem que conseqüências, que mudanças interiores isto nos obriga a fazer. Podemos nos perguntar: “Por que as leis do Evangelho, o Direito Canônico, nossas regras religiosas?” É justamente agora que estas leis se tornam preciosas porque elas estão ao serviço do Amor, ao serviço da Lei Interior. Porque, por amor, eu decidi fazer a vontade de Deus, porque eu O amo, eu sei que Ele me ama e eu quero fazer a sua vontade; mas eu não sei qual é sua vontade em meu estado de religioso, em minha situação particular. Então bem-vinda a lei do Evangelho, a da Igreja, a de nossa Congregação que nos dizem qual é a vontade de Deus. Não somos como os existencialistas. Sartre dizia: *“Não há mais lei para mim, ninguém na terra e no céu pode me dar leis. Sou um homem e todo homem deve inventar o seu caminho”*. Aqui, está a rejeição de toda lei interior e exterior. O cristianismo não diz isto. Há alguém que tem o direito de me dar leis. Mas, eu obedeço por amor e não por um espírito de escravo. Santo Thomas de Aquino, retomando um pensamento audacioso de Santo Agostinho, disse: “Até mesmo os preceitos do Evangelho seriam letras que matam se a estas não se acrescentasse a graça do Espírito Santo que dá a possibilidade de cumprir estes preceitos”. Por isso, Cristo disse que era necessário que ele morresse e ressuscitasse para dar o Espírito. Por isso, Cristo disse: “É necessário que eu parta porque, caso contrário, o Espírito não virá. Tudo o que eu lhes falei seria letra morta”.

Aqui vemos a relação que se instaura entre nós e nossas leis, nossas regras, nossas Constituições. É uma visão nova que não rejeita nada, mas que dá a cada um o seu lugar.

Continuemos lendo juntos a segunda parte do relato deste Pentecostes. Mas, não esqueçamos que, a coisa mais importante, é nos colocarmos na disposição de receber, de nos enchermos do Espírito Santo, de viver um verdadeiro Pentecostes, não só de celebrar o Pentecostes, mas de experimentá-lo. Para isto, basta esvaziar-se de si mesmo, criar espaço. Cristo prometeu que Deus dá o seu Espírito àquele que lhe pede.

“E começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. Achavam-se então em Jerusalém judeus piedosos de todas as nações que há debaixo do céu. Ouvindo aquele ruído, reuniu-se muita gente e maravilhava-se de que cada um os ouvia falar na sua própria língua. Profundamente impressionados, manifestavam a sua admiração: Não são, porventura, galileus todos estes que falam? Como então todos nós os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna? (em seguida, vem a lista de todos os povos) ouvimo-los publicar em nossas línguas as maravilhas de Deus! Estavam, pois, todos atônitos e, sem saber o que pensar, perguntavam uns aos outros: Que significam estas coisas? Outros, porém, escarnecendo, diziam: Estão todos embriagados de vinho doce!” (At 2, 5-13).

Há aqui um ensinamento implícito na aproximação que o autor faz entre dois relatos: o que acontece agora e o que se passou em Babel (Gen 11). A liturgia de Pentecostes o sublinha pela leitura do texto de Gen 11. Os Padres da Igreja sublinharam este contraste entre o que aconteceu em Pentecostes e o que se passou em Babel. Em Babel, os homens todos falavam a mesma língua, mas num certo momento, não se entendem mais, é a confusão. Aqui, as pessoas falam línguas diferentes e, num dado momento, eles se compreendem perfeitamente. Por quê?

Santo Irineu dizia que em Pentecostes, as línguas concordam entre si e fazem uma sinfonia harmoniosa.

Na realidade, o contraste é muito mais profundo. “Vamos, façamos para nós uma cidade e uma torre cujo cimo atinja os céus. Tornemos assim célebre o nosso nome, para que não sejamos dispersos pela face de toda a terra”. Onde está o pecado? É necessário saber que essas pessoas não queriam construir uma torre para desafiar Deus. Eles eram homens religiosos, piedosos. Queriam construir um destes templos em terraços sobrepostos (cujas ruínas podemos ver ainda hoje na Mesopotâmia). Era um templo para sua divindade e não um arranha-céu. Onde está o pecado? Eles queriam construir um Templo que se chamasse: “Ziporat”. Queriam construir um templo à divindade, não para a glória da divindade, mas para a sua glória. Com efeito, eles diziam: “tornemos assim célebre o nosso nome”. Impulsionados por uma vontade de poder, pensavam como todas as pessoas da Antiguidade que oferecendo sacrifícios de uma altura mais alta do que os outros, poderia-se arrancar da divindade, benefícios, vitórias. Eles estavam interessados por seu nome, seu poder, eles instrumentalizaram Deus e Deus os confundiu.

Em Pentecostes, vemos as pessoas que estão construindo uma torre; a Igreja é uma torre que toca o céu, mas eles não querem tornar célebre seu nome. Antes de Pentecostes, os Apóstolos foram impulsionados por um desejo de se afirmar, eles discutiam o tempo inteiro para saber quem era o maior entre eles. Mas em Pentecostes, o seu amor próprio, seu desejo de se afirmar e de se fazer um nome foi queimado num instante pela chegada do Espírito, o amor de Deus. Esquecendo-se e esvaziando-se de si mesmo, eles não fazem senão proclamar as maravilhas de Deus. É por isso que todo o mundo os compreende. Ai está a grande mudança que tem uma implicação continua em nossa vida, nosso serviço, nossa pregação... Quando nós queremos nos fazer um nome, nos afirmar dentro de nossa comunidade... é a confusão porque cada um quer ser o centro. Mas se, juntos, procuramos a glória de Deus, há somente um único centro de interesse e, então, todos estamos unidos.

Pentecostes é um desafio. Ele deve produzir este efeito. Não é dito que é necessário primeiramente renunciar totalmente a si mesmo, ao seu desejo de afirmar-se para receber o Espírito Santo. Antigamente, dizia-se: “É necessário ser humilde, é necessário purificar-se para receber a graça”. Não, não é isto. Os apóstolos não eram fervorosos, contudo eles receberam o Espírito Santo. Eles ficaram se tornaram fervorosos depois de terem recebido o Espírito Santo. Primeiro, é necessário receber a graça. Há uma circularidade entre o nosso esforço e o dom da graça. Mas quem precede é o dom da graça. Em primeiro lugar, é necessário rezar para receber o Espírito Santo para que ele queime em nós todos os desejos.

Santo Agostinho escreveu “a Cidade de Deus”. Ele dizia que há duas cidades em construção no mundo: a cidade de Satanás construída sobre o amor de si mesmo até a rejeição de Deus e a Cidade de construída pelo amor de Deus que pode ir até o sacrifício de si mesmo.

Estas duas cidades são dois canteiros de obras abertos no mundo e cada um deve escolher no qual ele quer trabalhar. Até mesmo a coisa mais espiritual, uma nova evangelização, o serviço dos pobres, minha pregação pode ser Babel ou Pentecostes. É Babel, se eu busco a minha glória; é Pentecostes, se eu busco a glória de Deus.

“Estavam, pois, todos atônitos e, sem saber o que pensar, perguntavam uns aos outros: Que significam estas coisas? Outros, porém, escarnecendo, diziam: Estão todos embriagados de vinho doce!”

Qual é a reação das pessoas? A maioria está convicta, atônita. Percebem que estão na presença de Deus, de algo sobrenatural. Outros se fecharam em si mesmos. Com suas objeções, embriagaram-se de si mesmos.

1° TEMA: A PROFECIA

Continuemos a leitura do relato de Pentecostes. Pedro então, pondo-se de pé em companhia dos Onze, com voz forte lhes disse: “Homens da Judéia e vós todos que habitais em Jerusalém: seja-vos isto conhecido e prestai atenção às minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, visto não ser ainda a hora terceira do dia. Mas cumpre-se o que foi dito pelo profeta Joel: Acontecerá nos últimos dias – é Deus quem fala –, que derramarei do meu Espírito sobre todo ser vivo: profetizarão os vossos filhos e as vossas filhas. Os vossos jovens terão visões, e os vossos anciãos sonharão. Sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei naqueles dias do meu Espírito e profetizarão”.

“Então vossos filhos e filhas profetizarão”. Segundo São Pedro, a primeira manifestação carismática é a profecia. Em toda a Bíblia, o Espírito Santo se manifesta de duas maneiras:

- A santificação interior da pessoa: o Espírito permanece nela e a muda interiormente, dando-lhe um coração novo, um coração de filho.

- A ação carismática, com dons particulares confiados a pessoas não para sua santificação pessoal, mas para a Igreja e o mundo.

Esta distinção, visível no Antigo Testamento, torna-se resplandecente no Novo Testamento. A profecia seria a manifestação carismática, isto é, os dons para os outros. A diferença com o Antigo Testamento, não são somente algumas pessoas que recebem o dom da profecia em circunstâncias particulares, mas todos recebem o Espírito Santo, jovens, velhos, homens ou mulheres, todos se tornam profetas. Os Atos dos Apóstolos insistem especialmente sobre um dos dons do Espírito Santo: o dom da profecia.

SER PROFETA, O QUE ISTO SIGNIFICA?

Evolução do dom da profecia.

No Antigo Testamento, o profeta é essencialmente aquele que anuncia a salvação: uma salvação que pode ser imediata (o retorno do Exílio, por exemplo) mas, por detrás, há sempre a salvação definitiva. Nestes dias, os profetas são aqueles que ajudam Israel a manter a esperança da salvação.

No Novo Testamento, todos se tornaram profetas. A mudança, é que a essência da profecia não é mais de anunciar uma salvação futura, trata-se de revelar uma presença escondida. João Batista está lá. Ele é anunciado como um profeta *“e tu, ó pequenino, tu serás o profeta do Altíssimo”* e Cristo fala dele: *“é o maior profeta”*. E o que ele fez? Será que Ele anunciou a salvação ao final dos tempos? Não, ele apontou o dedo a uma pessoa e disse: *“Eis o cordeiro de Deus”*. Aquele que se esperava está ali: *“entre vocês, há alguém que vocês não conhecem”*.

A profecia se tornou o dom pelo qual os discípulos se tornaram capazes de revelar a presença escondida do Cristo. Mas onde está a profecia? Os profetas deviam perfurar o muro do templo para ver o que ai se passaria um dia; mas João Batista teve que perfurar um muro

mais grosso do que o do Templo, é o muro das aparências. Agora, a profecia consiste em fazer resplandecer a presença escondida do Cristo na Igreja, no mundo, porque Ele está aí, de uma maneira mais real do que podemos imaginar: é o Ressuscitado, Ele está em nosso mundo. Ser profeta, é ajudar as pessoas a abrir os olhos e a ver.

Ao longo do tempo, houve uma evolução na maneira de considerar a vocação de profeta. Ela foi primeiramente institucionalizada, isto é, reduzida à hierarquia do Magistério que tinha recebido o dom de interpretar autenticamente a Palavra de Deus. Era assim antes do Vaticano II.

Desde então, a vocação de profeta foi secularizada: quando se diz que Marx, Freud, Nietzsche são profetas: é a secularização do termo. Ser profeta significa que se faz avançar a visão das coisas, propondo uma nova visão das coisas. O Concílio Vaticano II nos fez voltar à missão do profeta sob a ação do Espírito Santo. Ele nos fez redescobrir a profecia como um dom e uma expressão do Espírito Santo. Este dom tem uma vasta gama de manifestações. No texto de Pentecostes, São Pedro diz que os jovens, os velhos, os homens, as mulheres, todos podem ser profetas com modalidades diferentes. Relacionamos freqüentemente a vocação de profeta à Palavra. O profeta é aquele que proclama Cristo de uma maneira carismática. Mas pode-se ser profeta pelo que se é, e não só pelo que se diz. Foi por isso que eu li este texto de Paulo VI que fala da profecia no olhar; pode-se ser profeta pela maneira de olhar as pessoas; podemos transmitir Cristo através de um sorriso, um carinho, um olhar.

Há uma maneira de ser profeta que nos concerne todos: é nossa vida consagrada e em particular o celibato e a virgindade. É uma profecia. Há uma dimensão profética em nossa vida consagrada de celibatário. Eu gostaria de destacar esta profecia da qual o mundo tanto necessita. Antes de Cristo, este estado de vida não existia. O matrimônio era a única estrutura. Foi Cristo quem instituiu este novo estado de vida (Mt 19): “há eunucos que a si mesmos se fizeram eunucos por amor do Reino dos céus”.

Define-se facilmente o Reino dos céus com dois advérbios: “já aqui” e o “ainda não”. E nós rezamos “venha a nós o teu reino”. Visto que o Reino de Deus já está “aqui”, e instaurado pelo Cristo, é possível que as pessoas que receberam uma vocação particular escolham viver já como se viverá na última etapa deste Reino de Deus: a etapa escatológica. Vive-se sem casar-se, porque Deus é tudo em todos. Visto que o Reino já está na terra, é possível que pessoas que foram chamadas, escolham viver como se viverá na última etapa da salvação. Esta é a dimensão profética. Anunciamos por nossa simples existência que o matrimônio é bom: ele foi santificado por Cristo. O matrimônio é uma escolha e não uma obrigação. É uma vocação. Proclamamos que o matrimônio é bom, mas não podemos fazer dele o absoluto de sua vida nem seu ídolo. Como consagrados, proclamamos a existência de uma outra vida com Deus.

Agora, chegamos ao ponto onde São Pedro explica que eles não estão bêbados de vinho, mas que se cumpre a profecia de Joel: o dom do Espírito Santo, no tempo messiânico, entregue a todos os povos. Mas, lendo esta parte do relato de Pentecostes, tem-se a impressão que São Pedro está apressado para resolver estas questões secundárias porque ele tem algo mais importante a comunicar: realmente no versículo 22, há como uma nova introdução ao seu discurso:

“Israelitas, ouvi estas palavras: Jesus de Nazaré, homem de quem Deus tem dado testemunho diante de vós com milagres, prodígios e sinais que Deus por ele realizou no meio de vós como vós mesmos o sabeis...”

O que Pedro tenta fazer, é ajudar as pessoas a perceberem de quem ele quer falar. É como se ele dissesse: lembrem-se deste homem que passava no meio de vocês fazendo o bem a todo mundo. Pedro recorda isto porque a maioria destes homens tinha se esquecido de Cristo. Eles consideraram que seu caso tinha sido arquivado, já que tinha sido condenado pelos chefes. Outros estavam lá para a festa judaica de Pentecostes e não conheciam nada de Cristo. Por isso, Pedro precisa recordar de quem ele quer falar. Quando ele está certo de que todo mundo o compreende, ele emite como dois trovões: com o primeiro, ele mata e com o segundo, ressuscita.

“Este homem, depois de ter sido entregue, segundo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de ímpios”.

O primeiro trovão é: “vós o matastes, crucificando-o”; o segundo é: “mas não se desesperem, Deus o ressuscitou”. E em seguida, há uma longa citação do Salmo para mostrar que Cristo não podia conhecer a decomposição e permanecer no túmulo. Para terminar, há uma declaração solene, no estilo de uma definição dogmática. É a primeira definição dogmática de um Papa:

“Que toda a casa de Israel saiba”, (é uma palavra de autoridade) “este Jesus, que vós crucificastes, Deus o constituiu Senhor e Cristo”.

Portanto, a primeira definição dogmática sobre o Cristo não é a de Nicéia, mas é a do dia de Pentecostes. Ela trata do senhorio de Jesus. Deus constituiu Jesus, Senhor e Cristo.

Haveria muitas reflexões a fazer sobre esta parte do discurso de Pedro. É a primeira pregação kerigmática da Igreja em absoluto, o primeiro anúncio. A partir deste anúncio, a Igreja nasceu.

O relato continua dizendo que as pessoas se sentiram com o coração transpassado! Transpassados! É um milagre. Porque eles poderiam ter contestado Pedro: “Mas tu te enganas, não estávamos diante de Pilatos para pedir a crucificação. Estamos aqui para a festa de Pentecostes”. Ao contrário, ninguém duvida porque o Espírito Santo está fazendo o que precisamente Cristo havia prometido: “Quando o Paráclito vier, vencerá o mundo do pecado”. Estão convictos do pecado. Se o Messias devia morrer para apagar os pecados e os crimes de seu povo, estas pessoas fazem um raciocínio muito simples: se eu cometi um pecado, eu crucifiquei Cristo. Por isso, sentem seu coração transpassado. Eles pedem a Pedro: “o que devemos fazer?” Pedro lhes responde: “cada um de vós seja batizado e recebereis o dom do Espírito Santo”. E aí está a descrição da primeira comunidade ideal: “Perseveravam eles na doutrina dos apóstolos, na reunião em comum, na fração do pão e nas orações”. Esta comunidade era profética por sua maneira de viver. Eles comiam com alegria e simplicidade, e a comunidade crescia em número. Portanto, não se diz que eles iam pregar fora. Era só por sua maneira de viver que as pessoas eram atraídas. Aqui está a manifestação de uma vida profética. Por isso que eu lhes disse que todos nós somos profetas, pela palavra, a vida, o sorriso, nossos carismas e pelo celibato e a virgindade.

Qual é o conteúdo desta profecia? A quem anunciamos pela vida ou pela palavra?

Nesta parte kerygmática do discurso de Pedro, assistimos o nascimento da profecia cristã que consiste em proclamando o Cristo morto e ressuscitado para nossa salvação. É a inauguração oficial da profecia cristã.

O primeiro efeito da chegada do Espírito Santo, é a necessidade de anunciar Cristo. Pedro tem pressa de anunciar-Lo solenemente. Se quisermos ser profetas, sabemos que se trata de revelar a presença escondida de Cristo no mundo na tribulação, na alegria, mas também junto das pessoas doentes ou desamparadas. Cristo está presente; trata-se de ajudar as pessoas a perceberem que elas não estão sozinhas, mas que Cristo está com elas. Frequentemente, em certas situações, os meios humanos não são capazes de fazer muita coisa. Por exemplo, para as pessoas atingidas pela aids, é difícil anunciar a esperança. Mas pode-se dizer: mesmo se tens que passar pelo vale das lágrimas, Cristo está contigo, Ele está aí e te conduzirá à ressurreição. Vê-se que o fundamento da esperança cristã e da profecia cristã, é o Cristo.

Devo dizer-lhes algo que vale a ocasiões particulares como sua Assembleia geral. Há um mês mais ou menos, nós, os franciscanos, tivemos o “Capítulo das Esteiras”. É uma memória histórica da família franciscana. São Francisco de Assis havia reunido todos seus irmãos ao seu redor na Porciúncula em Assis; todos os irmãos dispersos se reuniram num clima de entusiasmo, relatando as maravilhas de Deus. E como eles estavam abrigados sob esteiras, eles chamaram isto o “Capítulo das Esteiras”. Este ano, é o 8º centenário da aprovação da regra franciscana. Portanto, houve um segundo “Capítulo das Esteiras” em Assis que reuniu todos os membros da primeira ordem: capuchinhos, irmãos menores, conventuais... vindos do mundo inteiro. Eles eram quase 2.000. Todos os Superiores estavam presentes com os conselheiros... pediram-me que fizesse uma intervenção e, num certo momento, disse-lhes: *“Quando São Francisco olhava para atrás, ele via o Cristo. Quando nós olhamos para atrás, nós vemos São Francisco de Assis. A diferença entre ele e nós, é somente esta, mas é imensa. Então nos vem a pergunta: qual é o carisma franciscano? Não corremos o risco de aboli-la ou de negá-la? Não! o carisma franciscano, não é pararmos sobre São Francisco, mas é olhar Cristo com o olhar de São Francisco”*.

E devem ter entendido a aplicação para as Filhas da Caridade. Para vocês também, seu carisma, não é olhar para São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac, é olhar Cristo com o olhar e o coração dos Fundadores. Mas é Cristo a quem devem olhar. Por que insistir nisto? Não é sem motivos. No passado, quando toda sociedade era cristã, as diferenças entre as ordens religiosas, as famílias religiosas eram importantes, porque todo o resto era cristão. As distinções tomaram tanta importância que o fundador se tornou o objetivo, o centro da atenção. Pregavam-se retiros sobre o carisma próprio; os jovens que vinham a nós, escutavam primeiro as explicações sobre o nosso carisma. **Isto acabou** porque a sociedade mudou. Agora a grande diferença não está entre as diferentes ordens religiosas; está entre aqueles que acreditam em Cristo e aqueles que não acreditam, e estes são a maioria. A sociedade se tornou pós-cristã. É necessário recolocar Cristo no centro. O que se acreditava ter adquirido, não foi adquirido. Não, é necessário por novamente Cristo no centro, como o obelisco que está no centro da Praça São Pedro em Roma. De todos os lados, nos sentimos atraídos para este centro. Cristo deve ser como o obelisco colocado no centro da Igreja, em cada ordem religiosa. Senão, as pessoas não são atraídas por São Francisco de Assis apesar de toda a sua popularidade, e eu posso dizer o mesmo de São Vicente de Paulo e de Santa Luísa de Marillac. As pessoas que não conhecem Cristo podem ser atraídas por Ele e por mais ninguém. Então aos nossos noviços, é necessário começar apresentando Cristo, em seguida, os Fundadores e seus escritos... caso contrário, os leigos que estudam a Bíblia estarão bem mais profundamente formados do que nós.

Estamos vivendo o ano de São Paulo: este nos oferece um apelo formidável porque São Paulo é o exemplo mais resplandecente de uma pessoa que fez de Cristo o centro de sua vida. Ele ficou como que fascinado por Cristo. Ele mesmo diz isto em sua Carta aos Filipenses 3:

“No entanto, eu poderia confiar também na carne. Se há quem julgue ter motivos humanos para se gloriar, maiores os possuo eu: circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu e filho de hebreus. Quanto à lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça legal, declaradamente” (Fil 3,4-6). É a descrição do ele era antes. E é necessário não equivocarse porque nós podemos pensar que este Paulo devia converter-se porque ele era um fariseu. Mas não, ao contrário, todos estes títulos eram títulos de santidade. Poderíamos mesmo começar um processo de canonização com base nestes títulos. É como se eu dissesse: 'fui batizado 8 dias depois do meu nascimento, pertencço à estrutura da salvação por excelência, a Igreja católica, pertencço à ordem religiosa mais austera da Igreja, (porque os fariseus eram a ordem religiosa mais austera), sou um homem inocente quanto à lei', mas naquele nível, há um ponto e a página se divide em duas, como a vida de Paulo.

“Mas tudo isso, que para mim eram vantagens, considereí perda por Cristo. Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com esse bem supremo: o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor. Por ele tudo desprezei e tenho em conta de esterco, a fim de ganhar Cristo e estar com ele. Não com minha justiça, que vem da lei, mas com a justiça que se obtém pela fé em Cristo, a justiça que vem de Deus pela fé. Anseio para conhecê-lo, conhecer o poder da sua Ressurreição, pela participação em seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte” (Fil 3,7-11).

Lembro-me de ter relido este texto depois de ter feito uma experiência espiritual; fiquei então impressionado por estes pronomes pessoais: conhecê-lo Ele. Como professor, tinha estudado e escrito livros de cristologia, mas naquele momento percebi que estes pronomes pessoais continham mais verdade sobre Cristo do que todos os livros. Porque quando São Paulo diz “Ele”, ele ouve alguém vivo, presente, que inclusive se pode indicar: Ele. Percebi que Cristo não é uma abstração, um conjunto de dogmas. Mas Cristo é uma pessoa viva, ressuscitada. Uma pessoa viva, mais real do que cada um de nós. O que nos interessa neste texto, é a centralidade de Cristo. São Paulo não se converteu a uma idéia, ele se converteu a uma pessoa. Ele diz: *“Eu fui conquistado”*. Vocês sabem que os jovens utilizam este termo para conquistar as moças. Mas para São Paulo, o importante não é fazer uma conquista no amor, mas ser conquistado pelo Cristo. Eu insisto nisso porque a renovação da vida religiosa passa por uma redescoberta da pessoa real, viva, do Cristo. Tudo começa a partir daí. Sobretudo, nossa condição de virgindade no celibato. Não é uma recusa do matrimônio, é uma união, uma espécie de casamento com Cristo; são como esponsais.

No relato de Pentecostes, pode-se ver também que a missão do Espírito Santo é precisamente de nos tornar apaixonados por Cristo. Vê-se isto com São Pedro; agora ele ama Cristo, está entusiasmado por Cristo. Não há perigo de pôr Cristo na sombra insistindo demasiado sobre o Espírito Santo. Ao contrário, somente insistindo sobre a vida no Espírito é que podemos conhecer Cristo verdadeiramente.

2º TEMA: A ESPERANÇA.

A esperança, bem como a fé e a caridade, vem do Espírito Santo. É o Espírito Santo quem infunde em nós as virtudes teologais. Elas sempre têm sua fonte em Cristo. São Paulo diz isto claramente na Carta aos Romanos (Rm 15, 13):

“O Deus da esperança vos encha de toda a alegria e de toda a paz na vossa fé, para que pela virtude do Espírito Santo transbordeis de esperança!”

Para abundar na esperança e voltar para casa sob o vento da esperança, deixem-se habitar pelo poder do Espírito Santo, como os Apóstolos em Pentecostes. Com efeito, antes do Pentecostes, eles estavam temerosos, tímidos, sempre em discordância entre eles; depois da morte de Cristo, eles estavam se dispersando, voltando para suas casas... A vinda do Espírito Santo os redinamizou e os tornou capazes de construir a Igreja. É desta maneira que uma família religiosa pode renascer num impulso de esperança. Em minha opinião, o poeta Péguy escreveu um belo poema sobre a esperança: o pórtico do mistério da segunda virtude. A esperança é o parente pobre entre as virtudes teológicas. Este poema é teológica e poeticamente muito bonito: *“A fé que eu prefiro, diz Deus, é a esperança”*. (O Papa Bento XVI chegou à mesma conclusão: *Spe Salve*. Ele diz que a esperança é fé por excelência). Peguy continua, fazendo Deus falar:

“Que estas criaturas acreditam em mim isto não me surpreende excessivamente, diz Deus. Resplandeço de tal modo no universo que é necessário mais esforço para não crer do que para crer. Que estas pessoas se amem um pouco entre si, isso não me surpreende muito. Elas são tão infelizes que devem ter um pouco de piedade umas pelas outras. O que me surpreende, diz Deus é que estas pessoas esperam em mim apesar de tantas vezes em que foram decepcionadas, que esperaram e nada aconteceu. Isso me surpreende. Significa que minha graça é realmente muito forte. As três virtudes teológicas são três irmãs: duas grandes e uma pequena. Eles andam pela rua de mãos dadas. A pequena vai ao meio: as duas maiores e a pequena no meio. A pequena, é a esperança. As pessoas olham para elas e pensam: seguramente são as duas maiores que seguram a pequena no meio. Eles estão completamente enganados; é a menininha esperança a que conduz as outras duas. Porque se ela se separa delas, tudo pára.

Na Bíblia, temos momentos marcados por um impulso de esperança. É disso que nós precisamos na Igreja e nas ordens religiosas: no capítulo 37 de seu livro, Ezequiel num impulso descreve a visão dos ossos secos: isto significa simbolicamente que o povo não está morto, mas que perdeu toda a esperança. Os exilados se dizem entre si: “nossos ossos estão secos, nossa esperança está morta; estamos perdidos!” Então, o profeta é chamado por Deus a profetizar: *“Filho do homem, profetize! Diz a estes ossos secos: “Espírito, vem dos quatro ventos, sopra sobre estes ossos secos para que revivam”*. Na visão, os ossos recuperam a vida com nervos, carne, colocam-se de pé: é todo um exército que recupera a vida.

Muitas realidades na Igreja hoje se assemelham a este vale de ossos secos; sobretudo as ordens religiosas tradicionais. A menos que haja um impulso de esperança, ser-lhes-á difícil recuperar a vida, porque os jovens vão lá onde há esperança no ar. Se numa paróquia, em uma comunidade, se respira alegria, os jovens vão para elas porque a esperança se traduz pela alegria. Mas se não há esperança, mas sim resignação, as vocações não virão. As Congregações religiosas precisam de um impulso de esperança.

Outro impulso de esperança na Bíblia, é a 3ª Lamentação, atribuída a Jeremias. O profeta olha Jerusalém em ruínas. É uma visão catastrófica. O tom da lamentação é sombria, desesperada. Mas no meio desta lamentação, o profeta expressa um impulso de esperança: *“É graças ao Senhor que não fomos aniquilados, porque não se esgotou sua piedade. Cada manhã ele se manifesta e grande é sua fidelidade. Disse-me a alma: o Senhor é minha partilha, e assim nele confio”* (Lam 3, 22-24).

O profeta toma a decisão de voltar à esperança. O clima e o tom da lamentação muda. Ela se torna uma oração cheia de esperança pela reconstrução de Israel. É disso que nós necessitamos. A esperança, é algo muito profundo. É um dom de Deus. É, pois, o fruto de

Pentecostes. Não é fruto do voluntarismo: “queremos esperar!”, o mundo grita isto, mas são desejos.

A verdadeira esperança nasce de um novo Pentecostes, de uma nova volta às origens no Espírito. São Paulo nos disse: “*pela virtude do Espírito Santo transbordeis de esperança*”. Nossa confiança, é que nós não podemos forçar o Espírito Santo ou comprá-lo, senão os mágicos o teriam feito. Não se pode comprar o Espírito Santo. O que nós podemos fazer, é pedi-lo e temos a certeza que se nós o pedirmos, o Pai no-lo concederá: “*Quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem*”. Cristo morreu e ressuscitou e está sempre nesta atitude que nós o vemos no Cenáculo na noite de Páscoa: ele olha ao seu redor para ver se há corações preparados para receber o seu sôpro. Então, soprou sobre eles e disse: “*recebei o Espírito Santo*”.

Cristo ressuscitado está sempre diante de nós, presente na Igreja, e o que Ele busca, são rostos preparados, destemidos, cheios de confiança, prontos a receber o Espírito Santo. É o que lhes desejo antes de partir.

Padre Raniero CANTALAMESSA, ofmcap

ENCERRAMENTO DA ASSEMBLEIA

Alocação de Mère Evelyne Franc

Casa Mãe, 13 de junho de 2009

Minhas queridas Irmãs,

Senhor, nós te damos graças por tantas maravilhas, Tu dás a vida, tu dás o Espírito! Estas são as palavras que habitam o meu coração e a minha oração neste final de Assembleia e, que hoje, eu gostaria de desenvolver rapidamente convosco.

Estou certa de que todas experimentam uma mistura de sentimentos, a alegria de retornar para suas Províncias, encontrar suas Irmãs na comunidade, bem como todos aqueles e aquelas a quem servem, com os quais caminham, e a saudade de ver terminar uma experiência especial, esta graça que o Senhor concedeu a todas nós de participar desta oitava Assembleia geral da Companhia.

Eu gostaria de dar a estas seis semanas que passamos, aqui na Casa Mãe, o nome de escuta do Espírito. Vivemos esta escuta no berço, no coração da Companhia, sob a proteção da Virgem Maria em cujas mãos depositamos nossas Províncias.

Tínhamos dito que o Espírito Santo seria o acompanhante de nossos trabalhos se nós nos deixássemos conduzir por ele. Isto não estava garantido por antecipação: escutar o Espírito na sua particularidade já é uma tarefa árdua. Nós mesmas o reconhecemos quando evocamos todos os obstáculos que vêm do mundo que nos rodeia, este mundo cuja beleza é quase sempre desfigurada, e quando admitimos também, a surdez dos nossos corações.

Além do mais, quando cento e oitenta e cinco pessoas tentam juntas escutar o Espírito para traçar as características da Companhia do futuro, o trabalho se complica ainda mais. O

risco era muito grande de que elas reivindicassem por ter recebido a verdade, cada uma na sua particularidade, que fossem de um sentido ao outro, como cata-ventos agitados por um vento caprichoso. Elas teriam podido também inflamar-se rapidamente, crepitando como raminhos secos e morrer logo em seguida depois de serem consumidas em belas palavras. Poderia ter acontecido igualmente, que elas se separassem, se dividissem em múltiplos filetes de água rapidamente absorvidos pela terra árida, ao invés de se unir num rio de correnteza vigorosa.

Eu acredito que nós evitamos todos estes perigos e que deixamos toda a liberdade ao Espírito de Deus. Soubemos acolher umas e outras, discernir com respeito o que Ele inspirava a cada uma. Na partilha e na oração, percebemos o que ele desejava para Companhia além de nossas próprias aspirações individuais ou provinciais. Bendito seja Deus, como diria São Vicente! E recordemo-nos as nossas Constituições: *“As virtudes evangélicas de humildade, simplicidade e caridade são caminho pelo qual as Filhas da Caridade se deixam conduzir pelo Espírito Santo”* (C.13). As Filhas da Caridade *“procuram ser dóceis às inspirações do Espírito, convencidas de que, na medida em que forem fiéis, serão instrumentos de suas obras. Santa Luisa de Marillac desejava que a Companhia fosse dependente do Espírito Santo para realizar o desígnio do Pai e testemunhar o Filho ressuscitado”* (C.17c). Sim, Senhor, nós te damos graças por tantas maravilhas, Tu dás a vida, tu dás o Espírito!

Espero que o tema de nossa Assembleia continue a ressoar na Companhia nos próximos seis anos e que cada Irmã aqui presente, partilhe com suas Irmãs a mensagem forte que resume estas seis semanas. Este texto é o resultado de nossa escuta, de nossas partilhas, ele traduz a nossa profunda afeição ao Cristo servo, o nosso desejo de segui-Lo segundo o carisma de São Vicente e de Santa Luisa, tal como é traduzido nas nossas Constituições. Este documento final expressa o nosso amor pelos homens e as mulheres de nosso tempo, particularmente os mais necessitados, os mais vulneráveis e o nosso compromisso de irmos ao seu encontro lá onde eles estão para testemunhar-lhes a ternura de Deus. Será que eu poderia expressar um outro desejo? Aquele que a missão *ad gentes* não seja esquecida, no início da Assembleia, lancei um apelo para que Irmãs continuem colocando-se alegremente em estado de disponibilidade total à Companhia para serem enviadas às Províncias que têm uma urgente necessidade de reforço.

Todas já devem ter refletido sobre os meios que vão utilizar para partilhar este documento com suas Irmãs, porém, o mais necessário será o de comunicar a cada uma esta experiência de escuta do Espírito que caracterizou nossa Assembleia. Não se trata de uma experiência fugaz, pontual, mas de uma atitude tipicamente vicentina, de um verdadeiro diálogo que deve subentender toda a nossa vida de relação, vida de oração, vida comunitária, vida de serviço, de colaboração e transformá-la.

Com cada conferencista, o Espírito nos concedeu um dom, cada uma de nós recebeu o seu, eu cito aquele que recebi:

Com o Pe. Cantalamessa, uma redescoberta do episódio de Pentecostes; com o Pe. Renouard, a sede do pão espiritual dos homens e das mulheres do século XXI; com o Cardeal Rodé, o apelo à santidade; com Marina Costa, o sentido profundo do acompanhamento das voluntárias da AIC; com Mario Giro, a paciência geológica e o trabalho pela paz; com os Padres Courau e Blanchard, o verdadeiro sentido do diálogo e o esforço de recentrar nossa fé; com Irmã Regina Bechtle, a capacidade de integrar os opostos. Que o Espírito faça frutificar em nós estes tesouros e que ele nos ensine a partilhá-los!

Sim, Senhor, *nós te damos graças por tantas maravilhas, Tu dás a vida, tu dás o Espírito!*

Nós te damos graças Senhor por tantas pessoas que fizeram desta Assembleia um tempo de graça:

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer, em nome de todas, o Pe. Gregory por nos ter consagrado tantas semanas, sabemos bem o quanto seu tempo é cheio, o quão numerosas são suas viagens; a ele devemos um profundo reconhecimento por sua presença, suas conferências e homilias, sua proximidade. Obrigada também ao Pe. Javier por suas meditações preciosas do retiro preparatório à Assembleia, por seus conselhos e sua inesgotável disponibilidade em escutar-nos.

Gostaria de agradecer a todas as Irmãs que permitiram o bom desenvolvimento desta Assembleia, aquelas da Casa Mãe que se dedicaram sem medida para facilitar nosso trabalho, desde os refeitórios até os dormitórios passando por todos os cantos desta grande casa; aquelas que mais diretamente ajudaram a Assembleia, como as Irmãs intérpretes tradutoras, toda a equipe de Irmãs do Secretariado, de uma parte as Irmãs da regência presentes aqui na sala e todas as outras Irmãs que estiveram ao nosso serviço; sem esquecer duas Irmãs as quais devemos muito: Irmã Ana Maria Olmeda, a Secretária geral e Irmã Rita Ferri, a Ecônoma geral.

Devo dar graças também a todas vocês, membros da Assembleia, pela participação entusiasta de cada uma nas sessões plenárias, nos trabalhos de grupo, nos tempos de oração e de descanso. Obrigada a todas aquelas que tiveram a responsabilidade de trabalhar nas diversas Comissões, cada uma deu o melhor de si mesma na Comissão de liturgia, de Comunicação, dos Postulados e Proposições, nas equipes de temas e na Comissão de festas. Eu não posso nomear todas, mas permitam-me citar nossas quatro moderadoras: Irmã Carmen, Irmã Patrizia, Irmã Maria Teresa e Irmã Anna, sem esquecer Irmã Pia e Irmã Jeanne-Marie, nossas duas fiéis secretárias da Assembleia.

Eu gostaria de uma maneira particular agradecer na presença da Assembleia e em nome da Companhia as seis Conselheiras gerais que vão retornar para as suas Províncias: Irmã Margaret Barret, Irmã Mariarosa Camminati, Irmã Marie Bernard Giffard, Irmã Wivine Kisu, Irmã Julma Neo e Irmã Blanca Libia Tamayo. Obrigada por sua boa colaboração, obrigada ao Senhor por nos ter permitido viver juntas, em comunidade de trabalho e de fé! Obrigada àquelas que continuam sua missão no nível geral: Irmã Christa Bauer, Irmã Zofia Daniscakova, Irmã Rosa Maria Miro e Irmã Marlene Rosa e enfim, obrigada àquelas que aceitaram deixar as fronteiras familiares pela mais vasta... Irmã Kathleen Appler, Irmã Madeline Hara, Irmã Neghesti Michaël, Irmã Rosa Maria Napolitano, Irmã Francoise Petit e Irmã Iliana Suarez.

Em nome do novo Conselho geral, agradeço cada Irmã por nos ter dado um sinal claro de confiança em nós para os próximos seis anos, contem com nossa dedicação, nosso desejo de cumprir com coragem e simplicidade a missão confiada, numa comunicação transparente.

Gostaria de terminar estas palavras de agradecimento com São Vicente e Santa Luisa, desejando que o ano de 2010, seja vivido na ação de graças e na sede de partilhar o tesouro da espiritualidade, da mística vicentina. O Pe. Gregory já lançou oficialmente a preparação para o 350º aniversário a nível de Família Vicentina, mas cabe também a cada Província e a cada Comunidade local celebrar nossos Fundadores e torná-los conhecidos com a riqueza da Missão e da Caridade que ambos encarnaram e que nós seguindo seu exemplo, podemos encarnar em nossa época.

Senhor, nós te damos graças por tantas maravilhas, Tu dás a vida, tu dás o Espírito! Com Maria, nós te louvamos: “Minha alma exalta o Senhor e meu espírito se alegra em Deus meu Salvador, porque ele olhou para suas humildes servas”!

Irmã Evelyne FRANC
Filha da Caridade

ENCERRAMENTO DA ASSEMBLEIA

Eucaristia de Encerramento

Leituras: 2Cor 5, 14-21; Mt 5, 33-37.

Homilia do Padre Grégory Gay, Superior geral
13 de junho de 2009

Em forma de introdução, eu gostaria de, em primeiro lugar, pedir desculpas às tradutoras pelo atraso em enviar este texto para as mãos delas. Todas as outras homilias e intervenções que eu fiz durante a Assembleia foram escritas antes de vir para cá. É uma tarefa difícil; mesmo se o Verbo de Deus está sempre presente, para mim é mais fácil refletir sobre a Palavra de Deus no contexto que estamos celebrando. Escolhi esperar o máximo que eu pude antes de escrever esta homilia a fim de absorver um pouco do espírito que certamente esteve presente em cada momento e em todos os aspectos desta Assembleia geral.

O segundo ponto, ainda como introdução, é que aqueles que me conheceram no decorrer destes últimos cinco anos, sabem que eu insisto sempre em pregar a Palavra de Deus do dia. Hoje a Missa deveria ter sido originalmente, a Missa votiva de São Vicente. Através das orações junto com Santa Luisa de Marillac, pedimos a intercessão de ambos nesta Eucaristia; mas os textos não são os textos previstos para festa de São Vicente. Preferencialmente, eu escolhi mais uma vez, usar os textos do dia a fim de estar em harmonia com a Igreja universal da qual as Filhas da Caridade representam uma parte muito significativa. E como o vêem, Deus é bom, como sempre.

Nossa primeira leitura é o lema das Filhas da Caridade. A primeira linha do texto que a Igreja universal está refletindo hoje é aquele que impele vocês a serem o que são e a fazer o que fazem: o amor de Cristo crucificado. O Evangelho também, que a Igreja propõe para a nossa reflexão é bem apropriado aos profetas em nosso mundo: hoje que o seu “sim” seja “sim” e o seu “não” seja “não”. Espero desenvolver estas duas ideias da nossa primeira e segunda leitura ao longo desta homilia.

Na primeira leitura de São Paulo aos Coríntios, Paulo expressa claramente o que nos foi pedido desde o começo desta Assembleia, concentrando nossa atenção sobre o primeiro tema do qual falamos. Paulo diz que nós não vivemos mais para nós mesmos, mas pelo Cristo. Somos uma nova criação em Cristo. Somos chamados a fazer novas todas as coisas, a cultivar uma vida de fé centrada no Cristo, alimentada pela Palavra de Deus e os sacramentos. Compreendemos as expressões “Palavra de Deus” e “Sacramento” não apenas no seu sentido estrito, isto é, a Bíblia e os Sacramentos do amor de Deus por nós, que nós conhecemos como sendo sete, mas também a Palavra de Deus que encontramos diariamente em nosso diálogo

com nossos irmãos e irmãs os pobres, com as Irmãs em comunidade, com aqueles e aquelas com os quais partilhamos o serviço e nossa tradição vicentina. Os sacramentos nos revelam o amor de Deus, a presença de Cristo. Com certeza, para vocês, os pobres são sacramentos. Levem em consideração também que a Irmã com quem convivem na comunidade pode estar, talvez, entre os mais pobres dos pobres.

Como São Paulo diz, a nós foi confiado o ministério da reconciliação. Somos embaixadores de Cristo. Como embaixadores de Cristo, somos chamados a ser seus profetas. Cada uma de vocês tem seus próprios dons e respeitam os dons umas das outras, esforçando-se para viver a união na comunidade acolhendo a diversidade. Um dos três sinais proféticos manifestados pela vida comunitária que partilharam nestes dias, é a reconciliação. Como comunidade, vocês são chamadas a serem agentes de harmonia para que os outros, ao olhar para vocês, possam dizer o mesmo que disseram dos primeiros cristãos, “vejam como eles se amam”.

O mesmo tema da profecia continua no Evangelho: seja o seu “sim”, “sim” e seu “não”, “não”. Esta pequena frase do Evangelho de Mateus encarna a virtude que São Vicente mais amava, a simplicidade: sejam transparentes no que dizem e no que fazem. Se me permitirem, vou citar uma frase do discurso do meu presidente no Cairo outro dia, quando ele falava sobre a necessidade de erradicar a desconfiança e de construir a confiança entre nações: “A fim de levar adiante este processo, devemos dizer abertamente entre nós as coisas que guardamos em nossos corações e que muitas vezes são ditas apenas atrás de portas fechadas”. Devemos fazer um esforço para escutarmo-nos, para aprender umas com as outras e respeitarmo-nos. Agir assim, minhas Irmãs, é ao que vocês são chamadas a testemunhar em sua vida de comunidade. Que maior testemunho profético vocês podem senão o de buscar harmonia e a paz não apenas entre si, mas também com aqueles com quem partilham suas vidas.

As palavras que partilharam estes dias e que mais tiveram influência sobre vocês são as da Palavra de Deus. Acima de tudo é a Palavra de Deus que deve guiá-las, esta Palavra no sentido mais amplo do termo, como falei antes. Deixem a Palavra de Deus as interpelar, deixem que ela as questionem. A Palavra lhes fará, algumas vezes, vocês se sentirem desconfortáveis porque ela é como “uma espada de dois gumes”. Mas, apesar de tudo isto, é a Palavra de Deus que as têm preenchido de energia e paixão.

Penso que todos nós ficamos surpresos com o texto do Evangelho de João no qual Jesus diz a Pedro, principalmente a terceira vez, “Pedro, tu me amas?” Podemos sentir a frustração de Pedro; podemos sentir que ele reconhece a sua própria limitação. Podemos sentir seu amor pelo Senhor Jesus quando responde, “Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo”. Isso é dizer as coisas tais como são, fazer de modo que o seu “sim” seja “sim”. Este é o poder da simplicidade na sua melhor expressão.

Minhas Irmãs e meu Irmão, é o amor de Deus que nos motiva, um amor sobre o qual falamos como relacionamento. O melhor exemplo disto é a Trindade. Nosso Deus é um Deus-relação e nós somos convidados abertamente a fazer parte desta profunda comunhão.

Outras palavras que me surpreenderam pela abundância de energia que elas contêm como, por exemplo, a *conexão*. Como escutamos, não é suficiente estar em toda parte no mundo. O mais importante é que vocês estejam conectadas umas com as outras, à imagem da criação. A “*parceria*”. A parceria é importante para nós que vivemos a tradição vicentina. É interessante notar que no seu discurso no Cairo, o Presidente Barack Obama mencionou duas vezes esta palavra “parceria”. Ele disse “Precisamos resolver nossos problemas através da

parceria”. E de novo, “Todas estas coisas que fazemos devem ser feitas em parceria [...] estando prontos a juntar-nos com outros, cidadãos, governos, organizações comunitárias, líderes religiosos e empresas [...] do mundo inteiro”. Eu as desafio a serem proféticas estabelecendo parcerias com outras Províncias, com a Congregação da Missão, com as AIC, com a Sociedade de São Vicente de Paulo, com a Associação da Medalha Milagrosa e com todos aqueles que foram atraídos pelo carisma de nossos fundadores. Façam parcerias com os jovens, da nossa juventude: a Juventude Marial Vicentina.

Nas minhas viagens pelo mundo, vejo que a realidade da família vicentina está bem viva e que se desenvolve. São pessoas que partilham um mesmo amor, uma paixão comum, desejando apoiar uns aos outros com seus próprios dons e a partir de sua identidade particular, mas igualmente inspirada por São Vicente de Paulo e Santa Luisa de Marillac.

Como Família Vicentina nestes últimos dois anos nos foi pedido para refletir como poderíamos aprofundar nossa expressão da caridade, como poderíamos abrir-nos ainda mais àqueles que vivem na pobreza de uma forma que não os mantenha na dependência, mas ao contrário, que os ajude a andar com seus próprios pés e a viver sua dignidade, a dignidade que merecem como filhos de Deus.

Chamamos isto de mudança sistêmica, é uma outra palavra que, algumas vezes, achamos confusa, difícil de entender, desafiadora e, talvez, insignificante. A mudança sistêmica inclui os serviços e os projetos nos quais vocês, de diferentes maneiras, local e globalmente, promovem a dignidade daqueles que vivem na pobreza no e através dos seus diversos apostolados no campo da educação, saúde, serviços sociais e evangelização. Convido-as a uma caridade que vai além, que desafia os sistemas que mantêm as pessoas presas na pobreza.

Com as pessoas e a partir da realidade em que vivem, vocês podem mudar estes sistemas, sei que já o fazem regularmente em muitos lugares. Mesmo onde existe uma forte oposição política ou influência governamental, a mudança sistêmica pode ser realizada e realiza-se verdadeiramente à vista dos opressores. A mudança sistêmica permite que todas as Irmãs sejam proféticas.

Os testemunhos simples que ouvimos estes dias dos diferentes países do mundo foram uma verdadeira fonte de motivação. Perguntei a mim mesmo, o que nos comoveu em cada um destes testemunhos, porque sem dúvida alguma, muita energia e muita paixão foram expressas não somente por aquelas que apresentaram, mas também por aquelas que participaram no diálogo. Perguntei-me, “o que é que provoca um tal dinamismo, uma tal paixão?” Há, certamente, as palavras utilizadas, mas os testemunhos foram partilhados de modo bem simples. Talvez a força dos tópicos e as fotos provocaram a paixão. Mas, além disso, creio realmente que o que nos comoveu nestes testemunhos, foi o Espírito de Deus falando aos nossos corações a partir da realidade vivida pelas pessoas que estão em situações de marginalização e de sofrimento.

É o Espírito de Deus que nos fala através do grito das pessoas que vivem na pobreza. É lá que vocês ouvem a voz de Deus e onde entram num autêntico diálogo. A escuta e a resposta. E vocês o fazem de uma maneira concreta, no e através do seu ser de servas das pessoas, estando próximas delas e as acompanhando.

Graças a tudo o que partilharam nestes dias, sejam proféticas em cada um dos diferentes campos sobre os quais concentram suas atenções e reflexões, por um firme testemunho de fé, por uma vida de comunhão umas com as outras baseada na confiança, em seu serviço amoroso

àqueles que vivem na pobreza e também na sua profunda pertença à Companhia das Filhas da Caridade. Estes são os pilares de suas vidas.

Partilhem o que viveram com as Irmãs da Província, com as de sua comunidade local, com seus colaboradores, com os outros membros da Família Vicentina e, acima de tudo, com aquelas e aqueles que amam e servem, os pobres. Façam isso com palavras fortes e símbolos ricos. Façam isso do fundo de seus corações. Que o seu “sim”, seja “sim” e o seu “não”, “não”. Porque o que se encontra no fundo dos seus corações é o amor de Cristo crucificado. Que a caridade as impulsionem a seguirem em frente como profetas da esperança, agora e em toda parte.

Padre Grégory GAY
Superior geral